

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS ERECHIM**  
**CURSO DE HISTÓRIA**

**YURI CAPELIN SECCO**

**REPRESENTAÇÕES DA CHINA CONTEMPORÂNEA NA INTERNET BRASILEIRA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DE CANAIS DE YOUTUBE DE DIFERENTES ORIENTAÇÕES  
POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS**

**ERECHIM**

**2023**

**YURI CAPELIN SECCO**

**REPRESENTAÇÕES DA CHINA CONTEMPORÂNEA NA INTERNET BRASILEIRA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DE CANAIS DE YOUTUBE DE DIFERENTES ORIENTAÇÕES  
POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Luis Egas Severo

**ERECHIM**

**2023**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Secco, Yuri Capelin  
REPRESENTAÇÕES DA CHINA CONTEMPORÂNEA NA INTERNET  
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE CANAIS DE YOUTUBE  
DE DIFERENTES ORIENTAÇÕES POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS / Yuri  
Capelin Secco. -- 2023.  
71 f. : il.

Orientador: Doutor Gerson Luis Egas Severo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em História, Erechim, RS, 2023.

1. História Pública. 2. História Digital. 3. Youtube.  
4. China Contemporânea. I. Severo, Gerson Luis Egas,  
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.  
Título.

**YURI CAPELIN SECCO**

**REPRESENTAÇÕES DA CHINA CONTEMPORÂNEA NA INTERNET BRASILEIRA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DE CANAIS DE YOUTUBE DE DIFERENTES ORIENTAÇÕES  
POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 05/10/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Gerson Luis Egas Severo – UFFS  
Orientador



---

Prof. Dr. Renan Santos Mattos – UFFS  
Membro Avaliador I



---

Prof. Dr. Isabel Rosa Gritti – UFFS  
Membro Avaliador II

Dedico esse trabalho a minha mãe, que continuou a me apoiar em todos os momentos da minha graduação apesar de meus caprichos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família, por toda a confiança que depositaram em mim, apesar da minha hesitação em terminar o curso, e em especial a minha mãe, que mais do que todos os outros juntos aguentou os meus caprichos e me incentivou a continuar, mesmo quando eu já não queria mais.

Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças.  
(MEGGINSON, 1963).

## RESUMO

O presente trabalho consiste na apresentação e análise das diferentes formas com que a China é representada na internet, ou mais especificamente no Youtube, com o objetivo de comparar os diferentes discursos e entender melhor não somente como a China contemporânea está sendo retratada na esfera digital como também explorar o funcionamento da plataforma, suas potencialidades e desafios. Começando com um breve resumo da história recente do gigante asiático, condensando todo o governo comunista iniciado em 1949 até os dias atuais, seguido por uma apresentação do conceito de História Pública e sua relação com a internet, culminando no site de compartilhamento de vídeos Youtube e abrangendo toda sua história desde sua concepção em 2005 até seus usos como fonte de informação nos dias atuais, sendo a área de ensino de história a prioridade do trabalho e finalmente na apresentação, análise e comparação dos discursos, elaborados após examinar quinze vídeos de três canais de três diferentes alinhamentos políticos do Youtube, sendo cinco de cada um, trazendo à tona qual China está sendo apresentada ao internauta brasileiro.

**Palavras-chave:** História Pública, História Digital, Youtube, China Contemporânea.



## ABSTRACT

This work consists of the presentation and analysis of the different ways in which China is represented on the internet, or more specifically on Youtube, with the aim of comparing the different discourses and better understanding not only how contemporary China is being portrayed in the digital sphere but also explore how the platform works, its potential and challenges. Starting with a brief summary of the recent history of the asian giant, condensing the entire communist government that began in 1949 to the present day, followed by a presentation of the concept of Public History and its relationship with the internet, culminating in the video-sharing site Youtube and spanning its entire history from its conception in 2005 to its uses as a source of information today, with the area of history teaching being the priority of the work and finally in the presentation, analyzing and comparing of the speeches, elaborated after examining fifteen videos from three channels of three different political alignments on Youtube, five of each, bringing to light which China is being presented to the Brazilian internet users.

**Keywords:** Public History, Digital History, Youtube, Contemporary China.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Visão geral por Tipo de conteúdo.....	37
Gráfico 2 – Tipos de conteúdo por popularidade.....	37
Gráfico 3 – Tipos de “uploaders”.....	38

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMS	Organização Mundial da Saúde
GDRC	Pequeno Grupo Dirigente do Comitê Central para a Revolução Cultural
ZEEs	Zonas Econômicas Especiais
CCID	Comissão Central de Inspeção Disciplinar
BBC	British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão)
CBC	Canadian Broadcasting Corporation (Corporação Canadense de Radiodifusão)
NBC	National Broadcasting Company (Empresa Nacional de Radiodifusão)
VPN	Virtual Private Network (Rede Privada Virtual)
PIB	Produto Interno Bruto
TIC	Tecnologia da Informação e da Comunicação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>UM BREVE RESUMO DA HISTORIA DA CHINA POPULAR.....</b>	<b>14</b>
2.1	A CHINA DE MAO ZEDONG.....	14
2.2	A CHINA DE DENG XIAOPING.....	21
2.3	A CHINA DE XI JINPING.....	25
<b>3</b>	<b>DEBATE POLITICO NA INTERNET E HISTÓRIA PÚBLICA.....</b>	<b>31</b>
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLIZE DOS DISCURSOS.....</b>	<b>45</b>
4.1	TV GRABOIS – A “ESQUERDA AUTORITÁRIA”.....	46
4.2	BBC NEWS BRASIL – “O CENTRO RADICAL”.....	49
4.3	VISÃO LIBERTÁRIA – “A DIREITA LIBERTÁRIA”.....	53
4.4	COMPARAÇÃO E ANÁLISE.....	57
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tendo como objetivo a análise das diferentes formas com que a China contemporânea é apresentada na internet brasileira o trabalho foi dividido em três grandes partes, um resumo da história da China sob o governo do Partido Comunista Chinês, um ensaio sobre a História Pública, sua derivada a História Digital e o Youtube como fonte de informações, e pôr fim a apresentação e análise dos vídeos de canais de diferentes alinhamentos políticos e cujo o tema é a China atual.

Na primeira parte é trazido uma compilação da história chinesa desde a chegada de Mao e do Partido Comunista ao poder até os dias atuais juntamente com alguns de seus marcos mais importantes. Essa parte também é dividida em três, sendo a primeira a administração de Mao Zedong e que abrange desde a vitória da guerra civil chinesa em 1949 até sua morte em 1976, trazendo o envolvimento chinês na Guerra da Coreia, o Primeiro Plano Quinquenal, o Grande Salto para Frente, a Revolução Cultural e a Gangue dos Quatro. Já a segunda parte se refere à administração Deng Xiaoping que vai desde sua reabilitação em 1977 até o fim do governo Hu Juntao em 2012, abrangendo a condenação da Gangue dos Quatro, as reformas econômicas de Deng, O Massacre da Praça da Paz Celestial, a morte de Deng em 1997, o governo de Jiang Zemin, com a perseguição ao Falun Gong, o retorno de Hong Kong e Macau a China e a entrada do país para a OMS, e posteriormente o governo Hu Juntao com a Crise financeira de 2008 e as Olimpíadas no mesmo ano.

Por fim é trazido a administração Xi Jinping, desde sua ascensão em 2012, sua campanha anticorrupção, a engrandecimento da censura sobre a internet e a mídia, a Nova Rota da Seda, a campanha para reprimir atividades terroristas em Xinjiang e a criação dos supostos campos de concentração, a pandemia de Covid-19, o culto à personalidade, a diplomacia do lobo guerreiro, e por fim sua reeleição para um terceiro mandato como Secretário-Geral do Partido Comunista Chinês em 2023.

A segunda parte do trabalho se preocupa em explicar o que é a História Pública e sua relação com a internet, ela se inicia com uma pequena exemplificação do funcionamento da internet, um resumo da História Pública e por fim como ela se expandiu por esse meio, criando uma ramificação denominada História Digital e que dentro dela, quase que como outra ramificação, se encontra o Youtube. A partir desse ponto analisa-se a plataforma em si, sua história, como ela se comporta, como as pessoas se comportam dentro dela e por fim o

uso do Youtube como fonte de informação, a princípio de forma geral, mas eventualmente se focando mais no Brasil e na área do ensino de história.

Por fim a terceira e última parte apresenta os canais, como eles foram divididos, os conteúdos de cada vídeo e finalmente fazendo uma análise e comparação dos mesmos, com o objetivo de responder a indagação que intitula esse trabalho e também explorar o funcionamento do site, identificando as semelhanças e diferenças entre os discursos, o alcance de cada vídeo, a veracidade de cada representação do país entre outros pontos. No total foram analisados quinze vídeos de três canais diferentes, cada um alinhado a uma ideologia conforme delimitado pelo modelo de diagrama político extraoficial do site bússola política, que permitiu catalogar os canais de forma mais fidedigna.

De forma geral o trabalho tem três eixos, a China contemporânea, a História Pública e a internet, representada pelo Youtube, resultando em uma análise sucinta sobre como um mesmo tema pode ser explicado de formas diferentes e se algum dos discursos apresentados pode ser considerado fiel a história real do país.

## 2 UM BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DA CHINA POPULAR

Primeiramente, se o objetivo do trabalho é comparar narrativas sobre a história chinesa então é necessário estabelecer uma base sólida a respeito da história da China contemporânea, portanto esse primeiro capítulo traz uma sinopse da história China atual desde 1949, é importante lembrar também que a história da tradução do chinês para o alfabeto latino é complicada e que de forma geral este trabalho vai utilizar o sistema *pinyin* de tradução, ou mais formalmente *hanyu pinyin*, se alguma exceção for feita, como para nomes já muito consagrados, a transcrição em *pinyin* será colocada entre parêntesis ao lado (Sheng, 2012, p. 17). Além do mais, esse resumo se foca na história e perspectiva da República Popular da China, a República da China, facção derrotada na guerra civil chinesa, que hoje governa Taiwan, e sua história, será mencionada apenas do ponto de vista da china continental, e finalmente, não existe uma forma oficial ou padrão para historiadores dividirem a história da República Popular da China, sendo assim neste trabalho o período que vai desde 1949 até os dias atuais será dividido em três partes com base no indivíduo que possuía o poder *de facto* no país, iniciando com a China sob o governo de Mao Zedong, seguida pela China de Deng Xiaoping, que engloba os governos de Deng Xiaoping, Jiang Zemin e Hu Jintao, o dois últimos sendo considerados extensões do primeiro e, por fim, a china de Xi Jinping.

Por fim, é importante ter em mente que a história chinesa é enorme e a simplificação dos eventos ocorridos entre os anos de 1949 e 2023 já é uma tarefa monumental, portanto apenas o mais importante, de um ponto de vista político e administrativo será redigido, alguns eventos podem ficar de fora.

### 2.1 A CHINA DE MAO ZEDONG

Com o fim de 22 anos de guerra civil, temporariamente interrompida pela invasão japonesa da China durante a segunda guerra mundial, a facção comunista se declara vitoriosa em 1949 e começa a se estabelecer no poder, com a economia em situação precária o governo assumiu o controle do sistema bancário, fechou a bolsa de valores de Xangai e criou lojas estatais no campo e na cidade, essa monopolização da compra e venda baixou a inflação e em 1950, os preços começavam a se normalizar, imediatamente em seguida porém se inicia a Guerra da Coreia quando o então governo provisório da coreia do norte ataca o sul após a

retirada das tropas americanas, a guerra dura três anos (1950-1953) com as baixas chinesas ficando entre 700 e 900 mil soldados (Sheng, 2012, p. 30) e terminando em um cessar fogo que dividiu a península em dois países e dura até hoje, o conflito, porém, ajudou os comunistas a se consolidarem no poder, uma vez que o sistema de economia de guerra ajudou o partido a assumir o controle da economia e coletivizar a agricultura.

Em 1951 o Comitê Central lança a campanha de repressão aos contrarrevolucionários, ou *zhengfan yundong*, resultando em cerca de 1 a 5 milhões de execuções, dependendo da fonte (Sheng, 2012, p. 19), centralizando o poder e eliminando elementos ainda leais a Chiang Kai-shek, líder da República da China e agora exilado em Taiwan, propriedades estrangeiras foram confiscadas e o partido ampliou o controle sobre a educação, o pensamento e a cultura, além de consolidar a amizade entre China e União Soviética, criando um período de boas relações que vai durar até 1960 e fortalecer a imagem de Mao perante o povo (Sheng, 2012, p. 31-32).

Com o fim da guerra da Coreia o governo implanta o Primeiro Plano Quinquenal (1953-1957) com foco na indústria pesada, o plano foi surpreendentemente eficiente e a produção de matérias primas, que já vinha aumentando desde 1949 (Sheng, 2012, p. 20) cresceu ainda mais, uma diferença de 26% a mais, no caso da produção de algodão, até 296%, na produção de aço entre os anos de 1952 e 1957, além de 250 mil km de estradas e quase 30 mil km de ferrovias que seriam construídas até o fim de 1957 (Sheng, 2012, p. 22). Apesar de focar na indústria pesada, a coletivização dos outros setores da sociedade chinesa continuava a todo o vapor, em 1953 instituiu-se o *tonggou tongxiao*, ou “compra e venda única”, estabelecendo o monopólio estatal sobre os alimentos (Sheng, 2012, p. 33) e em 1954 o comércio atacadista privado foi proibido (Sheng, 2012, p. 23).

Em 1955, no meio do Primeiro Plano Quinquenal, que se instituiu o *hukou*, um sistema de cadastro familiar que “fixa” cada habitante e sua família a seu local de residência, é através dele que um indivíduo tem acesso a bens e serviços como cupons para alimentos, escolas, hospitais, moradia e até mesmo permissão para obter um emprego, mas apenas em seu local de residência, funcionando como um passaporte interno. Esse sistema tem sido afrouxado desde 1997, mas continua em vigor até hoje (Sheng, 2012, p. 25-26). Também em 1955 Mao começa o *sunfan yundong*, a campanha de “repressão aos contrarrevolucionários escondidos” com o objetivo de acabar com os remanescentes do *Kuomintang* (Guomindang), o partido nacionalista chinês que fugiu para Taiwan e existe até hoje, oficialmente 4 milhões de pessoas foram investigadas e 38 mil condenadas (Sheng, 2012, p. 34).



De forma geral pode se considerar o ano de 1955 como o ponto onde governo comunista sob Mao começa a assumir suas características mais autoritárias.

O Estado aboliu ou tomou controle de todas as associações voluntárias, de todos os grupos culturais e entidades científicas, órgãos editoriais e agências de previdência social, instituições educacionais e organizações juvenis. Em consequência toda a intelectualidade chinesa tornou-se funcionária do estado revolucionário e este, por sua vez, seu único empregador[...] Como resultado, para os intelectuais chineses a tática para progredir, ou mesmo sobreviver, era apoiar a posição do Partido. (SHENG, 2012, p. 34-35).

Em 1956, diversas manifestações eclodiram na china, 30 delas foram estudantis com mais de 10 mil alunos e 29 greves de operários, além de outros incidentes esporádicos como assassinatos de membros do partido, negligência no trabalho e outros. No âmbito internacional Khrushchev denunciou ao mundo os crimes de Stalin no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética que incitou uma crise no campo socialista mundial, para contornar o problema Mao proclamou no mesmo ano a “Política das Cem Flores”, dando mais liberdade as universidades, jornais e revistas mais liberdade para expressar suas “visões” nos espaços culturais e científico (Sheng, 2012, p. 35-36).

A “Política das Cem Flores” acabou fugindo de controle rapidamente, em maio de 1957, incentivados pela liberdade de expressar suas queixas livremente, foi montado na Universidade de Pequim o “muro da democracia” onde os estudantes podiam expor cartazes, ou *dazibaos*, criticando o autoritarismo e obscurantismo do novo governo e ainda no mesmo mês protestos espancando quadros do Partido Comunista e saqueando arquivos da polícia política aconteceram por toda a china, esses foram os maiores protestos estudantis desde o “Quatro de Maio” de 1919 (Sheng, 2012, p. 37). Não demorou muito para o discurso de Mao mudar, dizendo agora que o objetivo da política seria “atrair as serpentes para fora das tocas [para mata-las]”, e a partir de julho de 1957 começa a caça aos direitistas (Sheng, 2012, p. 38), de acordo com as estatísticas do governo, 552.877 pessoas foram condenadas, mais esse número só conta as condenações nas grandes cidades, se incluirmos a China rural esse número chegaria facilmente a algo entre 1,5 e 2 milhões (Sheng, 2012, p. 42).

De forma geral, os anos de 1958 a 1960 são considerados como os anos do Grande Salto para Frente, uma campanha desastrosa proposta por Mao e aprovada pelo Comitê Central do PCC em março de 1958 para “edificar o socialismo de maneira mais rápida, melhor e mais econômica” e alcançar o “comunismo num passo só”, a expressão “grande salto” vem do editorial *Diário do Povo* de 13 de novembro de 1957, em que dizia que o setor agrícola tinha condições de dar um grande salto de produção, o termo pegou e logo, todos os

setores da economia foram incitados pelo jornal a fazerem o mesmo e vencer todos os desafios naturais através da força e ingenuidade humana. Logo, uma euforia coletiva tomou conta da população e em 1958, 100 milhões de camponeses haviam supostamente aberto 7.8 milhões de hectares de terras para obras de irrigação e conservação de água (Sheng, 2012, p. 47) e, durante a “febre do aço”, outros 100 milhões de pessoas, estava fabricando aço em escolas, faculdades, jornais, bases do exército e até mesmo em seus quintais (Sheng, 2012, p. 52), aço que se mostrou inútil para as indústrias devido a sua concepção amadora e retirou uma enorme quantidade de pessoas das lavouras. Nesse sentido, Sheng traz as palavras do então vice-ministro das Obras Hidráulicas Li Baohua:

Viajei para a empresa d'água de Miyun [no subúrbio de Pequim]; no caminho vi os fios de algodão voando ao vento, cobrindo todo céu, como se estivesse nevando. Estávamos sem colhedores porque todos os camponeses foram fabricar aço e montar diques. Foi uma boa produção sem boa colheita. (SHENG, 2012, p. 61).

Mas esse foi só um fator para explicar o desastre que ainda estava por vir, os dados super inflacionados, a beira do ridículo, da produção agrícola também foram importantes, instigados pela ideia de “duplos planos” proposta por Mao em 1958 em que o governo era obrigado a definir e divulgar uma meta de produção, o “Plano I”, e a expectativa de passagem do plano I, o “Plano II”, as províncias seguiram criando “Planos III”, sobre o Plano II, e “Planos IV”, depois os Distritos (“Planos V” e “Planos VI”) e então os Condados (“Planos VII” e “Planos VIII”), criando ciclos mentirosos e cada vez mais surreais (Sheng, 2012, p. 53). Portanto,

Para se ter uma ideia do tamanho da mentira basta fazer um simples cálculo: Em 1958, a China tinha cerca de 5 milhões de hectares de plantação de arroz. Se fosse verdadeira a colheita *Sputnik* de Loucheng, no ano de 1958 o país teria colhido 4,875 bilhões de toneladas de arroz [...] o que seria 24 vezes mais do que a safra de todos os tipos de grãos do país. (SHENG, 2012, p. 55).

Entretanto, o fator determinante para o desastre foi autoritarismo, em 1959, em uma conferência convocada por Mao em Lushan para solucionar os problemas da fome que já estava grande demais para ser ignorada, o ministro da defesa, marechal Peng Dehuai, entregou uma carta particular a Mao explicando suas preocupações, Mao mostrou a carta a todos os presentes e denunciou Peng por “camarilha oportunista de direita” e “atividade antipartidaria”, ele foi removido de todos os cargos oficiais e posto em prisão domiciliar, o que se seguiu foi outra campanha nacional de repressão aos “oportunistas de direita”, os supostos apoiadores de Peng, esse tema se repetiu até pelo menos o fim de 1960, depois de

tantas perseguições, todos tinham medo demais que dizer a verdade e se tornarem inimigos do partido (Sheng, 2012, p. 62-63).

De acordo com as estatísticas oficiais, a Grande Fome Chinesa que se deu durante o Grande Salto para Frente ceifou 10 milhões de vidas de 1959 a 1960 e mais 3,48 milhões de 1960 a 1961. Porém muitos ainda debatem esse número, de acordo com Basil Ashton e colaboradores, no artigo de 1984 intitulado “*famine in china: 1958-61*” três estimativas foram feitas: 23, 27 e 30 milhões de mortes, de acordo com Judith Banister no livro “*china’s changing population*” de 1987, de 17 a 40 milhões (Sheng, 2012, p. 59-60).

A fome teve efeitos políticos importantes na china e efetivamente tirou muitos dos poderes autoritários de Mao, mesmo que apenas momentaneamente, em dezembro de 1960, Zhou Enlai, primeiro primeiro-ministro da China de 1949 a 1976, conseguiu importar grãos de fora pela primeira vez, o suficiente para pelo menos sustentar a população urbana até a próxima colheita, no início de 1961, o primeiro secretário da província de Anhui, Zeng Xisheng começou a praticar o modelo agrícola das “três liberdades e um contrato”: feira livre, lotes de particulares de terra, lucros e perdas por conta própria e contratos de produção familiar, basicamente desfazendo toda a coletivização iniciada por Mao, mas aumentando significativamente a produção agrícola enquanto diminuía o horário de trabalho, 39% de aumento para esse modelo privado contra 12% no coletivo, por esse sistema Mao expurgou Zeng do partido na “Conferência dos Sete Mil Quadros” de 1962 e, nessa mesma conferência, se inicia o “racha” entre Mao Zedong e o Partido Comunista (Sheng, 2012, p. 65-66). A partir de então, Mao assume um papel mais simbólico de liderança, deixando, sem muita escolha, a administração real para Liu Shaoqi e Deng Xiaoping e focando mais na luta contra o “revisonismo” que agora estava sendo defendido pelo partido do que a transformação material do país, estabelecendo aqui, nesta divisão, os pilares da Revolução Cultural que viria em seguida (Sheng, 2012, p. 68-69).

A Revolução Cultural, ou a Grande Revolução Cultural Proletária, é um dos momentos mais curiosos e cruéis da história da China contemporânea, oficialmente iniciada em 1966 e terminada em 1969, mas, para grande parte dos chineses apenas em 1976, com a morte de Mao, ela é referida pelo povo chinês como “10 anos de grandes desastres”, ou *shinian haojie*, (Sheng, 2012, p. 112) o que considerando a grande fome que acabara de acontecer, já é por si só intimidador.

Em 1959, Mao substitui o ministro da defesa Peng pelo extremamente leal Lin Biao, que incentivou um culto à personalidade a Mao no exército e na população através do *Livro Vermelho* e defendeu o chefe na “Conferência dos Sete Mil Quadros” (Sheng, 2012, p. 71)

mas, apesar de idolatrado pela população e respeitado pelo exército, ele havia perdido controle do partido, que era intermediário entre ele e o povo, nessa situação, e com medo de se tornar “um Stalin, na iminência de ser denunciado ainda vivo por um Khrushchev.” (SHENG, 2012, p. 72-73) Mao decide atacar, fundando o seu próprio governo paralelo, denominado Pequeno Grupo Dirigente do Comitê Central para a Revolução Cultural, ou *zhong-yang wenge xiaozu*, abreviado para GDRC, que operava fora do partido e focou inicialmente nos meios de comunicação, em especial o jornal *Diário do Povo* (Sheng, 2012, p. 73). A propaganda foi extremamente eficiente, especialmente entre os jovens, e logo pequenos grupos de estudantes do ensino médio e superior começavam a se formar se autodenominando *Guardas Vermelhos* que em seu auge chegaram a 11 milhões de alunos (Sheng, 2012, p. 108), a princípio eles reivindicavam mudanças simples como a abolição de provas e exames por serem “ideias burguesas”, que foi alcançada, mas a violência, instigada por Mao só aumentaria, em 18 de junho de 1966 temos o primeiro caso de “terror das massas” em que na Universidade de Pequim, mais de 40 funcionários foram humilhados e espancados publicamente (Sheng, 2012, p. 76).

Em agosto de 1966, Lin Biao convoca os jovens para “quebrar os quatro velhos” (velho pensamento, velha cultura, velhas práticas e velhos hábitos) que inicia uma época de vandalismo cultural sem precedentes na história da China (Sheng, 2012, p. 85). Ao mesmo tempo que Mao criticava seus inimigos no partido, em especial Deng Xiaoping e Liu Shaoqui, os guardas vermelhos serviam como “bandidos do estado” (Sheng, 2012, p. 90) invadindo e saqueando residências e destruindo artefatos culturais de valor inestimável, sendo um dos casos mais comentados o saque do túmulo de Confúcio, figura cujo a importância na história e cultura do extremo oriente pode ser equiparada a Jesus no ocidente (Sheng, 2012, p. 88).

Ainda no mesmo mês Mao aprovou um decreto que proibia a polícia de intervir nas ações dos estudantes e o ministro da segurança pública ordenou os policiais a ajudarem os *Guardas Vermelhos* (Sheng, 2012, p. 90-91). Em setembro, com o país mergulhado no medo, Mao decidiu focar nos membros do partido, para isso ele não poderia contar com os jovens estudantes então aqui se formam outros grupos, que as vezes se chamavam de *Guardas Vermelhos*, mas geralmente conhecidos como “rebeldes”, pois eram membros do partido que tinham ódio a seus chefes e queriam vingança ou simplesmente queriam subir na hierarquia do Partido, eles eram mais velhos e notoriamente mais cruéis (Sheng, 2012, p. 95).

A primeira alta autoridade a ser torturada até a morte foi o ministro do Carvão [...] durante um comício, ele foi jogado num banco, sangrando, sem camisa numa temperatura abaixo de zero enquanto sicários o cortavam com canivetes. Por fim,

uma enorme estufa de ferro foi amarrada em seu pescoço, empurrando sua cabeça para o chão de cimento, onde seu crânio foi golpeado com as fivelas de metal dos cintos. (SHENG, 2012, p. 95-96).

Em 1967, sob ordem de Mao, Liu Shaoqui foi posto em prisão domiciliar, onde morreria em 1969 doente e sob tortura, seus filhos foram expulsos para o campo e sua esposa presa. Deng Xiaoping foi enviado para trabalhar numa fábrica, seu filho mais velho foi jogado de uma janela de um prédio e ficou paraplégico. Milhões de funcionários do partido foram exilados em campos de trabalhos forçados (Sheng, 2012, p. 96-97). Nesse mesmo ano o GDRC começa a sua tomada do poder, uma caótica e violenta transição que Shu Sheng descreve como uma segunda guerra civil na China (Sheng, 2012, p. 98), a revolução cultural havia se espalhado pelas forças armadas, que se posicionavam contra seus comandantes, estudantes atacavam prédios militares (Sheng, 2012, p. 100), operários tomavam o controle de cidades inteiras e formavam governos independentes como a Comuna Popular de Xangai de 1967, modelada sobre a Comuna de Paris de 1871 (Sheng, 2012, p. 98), em setembro do mesmo ano a situação chega a seu limite político e Mao começa finalmente a advogar pela unificação das facções que surgiram na china durante o período (Sheng, 2012, p. 102), processo que termina com o exílio “voluntário” dos *Guardas Vermelhos*, os alunos das classes de 1966, 1967 e 1968, para o campo em 1968 (Sheng, 2012, p. 106-107).

É difícil dar estimativas da extensão dos danos nesse período, mas dois dados surpreendem, em 13 de dezembro de 1978, Ye Jianying, o então vice-presidente do Partido Comunista Chinês, afirmou que "20 milhões de pessoas morreram, 100 milhões de pessoas foram perseguidas e 80 bilhões de RMB foram desperdiçados na Revolução Cultural" durante uma conferência de trabalho da Central Comitê do Partido Comunista Chinês (Wang, 2012) e de acordo com Jun Wang no livro *Beijing Record* “6.843 locais culturais sob proteção por decisão do governo de Pequim em 1958, 4.922 foram danificados ou destruídos.” (Wang, 2011, p. 446-447).

A Revolução Cultural foi baseada na aliança Mao-Lin, que funcionou muito bem até 1970, na plenária de Lushan, quando Mao começou a perceber que a popularidade de Lin começava a se tornar uma ameaça, nesse mesmo ano e pela primeira vez a saúde de Mao, já com 77 anos, começou a mostrar sinais da velhice (Sheng, 2012, p. 118-119). Em 1971, Lin Biao, sua esposa e seu filho tentaram fugir da china, como outros inimigos de Mao já haviam feito antes, o plano original era fugir para Cantão e depois Hong Kong, mas teve de ser mudado às pressas, de última hora, para a Rússia, onde o avião viria a cair em 13 de setembro de 1971 na Mongólia, para a felicidade de Mao que não poderia ter pedido um resultado

melhor para a situação, até hoje não se sabe se a morte de Lin Biao foi um acidente ou não, a felicidade durou pouco porém, logo após o acidente veio à tona uma conspiração do alto escalão para mata-lo e por dias o líder mal dormiu (Sheng, 2012, p. 122-123). Na falta de apoio, Mao se viu obrigado a reestruturar membros expurgados do partido, para fazer frente a rede de pessoas leais escolhidas e ainda leais a Lin, dentre eles estava Deng Xiaoping (Sheng, 2012, p. 124). Em 1972, sobe ao poder a Gangue dos Quatro: Jiang Qing (a esposa de Mao Zedong), Zhang Chunqiao, Yao Wenyuan e Wang Hongwen, todos ex-membros do GDRC e, nesses últimos anos, surge uma tremenda oposição as políticas de Mao e a Gangue dos Quatro na forma da aliança centrada entre Deng e Zhou Enlai. Zhou morreria em janeiro de 1976 e em abril, durante o festival Qing-ming (equivalente ao dia de finados no Brasil) grandes manifestações aconteceriam em Tiananmen, que seriam comparadas ao levante Húngaro de 1956, tanto ele quanto Deng foram homenageados, enquanto Mao e os outros líderes mais radicais da Revolução Cultural foram criticados. Apesar de espontâneas, Deng foi culpado pelas manifestações e destituído de todos os seus cargos ainda no mesmo mês (Sheng, 2012, p. 125-126). Em setembro 1976 morre Mao e com ela se inicia o fim da China maoísta e a Revolução Cultural.

## 2.2 A CHINA DE DENG XIAOPING

Com a morte de Mao a briga pelo poder dentro do partido toma um novo rumo, em outubro de 1976, Hua Guofeng, homem escolhido por Mao para substituir Deng, lidera um golpe de estado e prende a Gangue dos Quatro, Wang Dongxing, chefe da guarda pessoal de Mao, o incentivou e “Nunca um golpe de Estado foi acolhido com maior júbilo pela população” (SHENG, 2012, p.128). O fantasma de Deng porém atrapalhava a legitimidade de Hua e por isso ele tentou continuar as críticas a Deng iniciadas por Mao se muito sucesso, em janeiro de 1977, aniversário da morte de Zhou Enlai, houve protestos, dessa vez não reprimidos, em favor a Deng e, em julho de 1977, Hua conseguiu a formalização de sua ascensão e os títulos de Secretário Geral do Partido Comunista Chinês e Primeiro Ministro da China, desde que reabilitasse Deng a seus velhos cargos, Vice-Presidente do partido, Vice-Primeiro ministro e chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Em agosto Hua Declarou o fim da Revolução Cultural (Sheng, 2012, p. 128-129).

É importante ressaltar aqui como a política funcionava e ainda funciona na China, por mais de 2 mil anos o país fora governado por um governo imperial centralizado e o partido,

apesar de buscar em diversos momentos destruir com essa estrutura, acabou por assimilar vários desses elementos imperiais, mesmo que extremamente antagônicos aos ideais socialistas, dando origem para a linha ideológica que hoje o país asiático define como “socialismo com características chinesas”, dentre esses elementos está o excesso de hierarquia, a concentração do poder, o culto à personalidade e o sectarismo político (Sheng, 2012, p. 139). É através desses elementos que podemos explicar a base da legitimidade do poder político na China:

“Desde os tempos imperiais o poder na China reside nos indivíduos, não nas instituições. Tanto os imperadores quanto os líderes do Partido tendem a capturar instituições e transforma-las em base de poder próprio. Instituições tem tanto poder quanto seu chefe.” (SHENG, 2012, p. 142-143).

Poucos se lembram, mas Deng nunca foi Secretário Geral do Partido Comunista Chinês ou Primeiro Ministro da China, o cargo mais alto que ocupou foi o de Chefe do Comitê Central do Partido Comunista, porém ainda assim foi ele que exerceu o poder *de facto* na China durante os anos de 1978 a 1989 e, indiretamente, após 1989 também. Deng também adquiriu em 1978 o título de líder “liberal” devido a sua tolerância pelos protestos, especialmente quando estes alinhavam-se a suas posições políticas, porém um tema estava acima de contestação, a autoridade e legitimidade do PCC (Sheng, 2012, p. 130).

Em 1978, por exemplo, incentivado por essa nova adquirida liberdade surge o “muro da democracia” em Tiananmen onde vários escritos foram publicados na forma de *danzibaos*, muitos focando nos horrores da revolução cultural, que foram chamados de “Literatura dos Feridos”, ou *shanghen wenxue*. Um escrito em particular, escrito por Wei Jingsheng, denominado “A Quinta Modernização”, em crítica ao projeto de Deng das “Quatro Modernizações” para a China (modernização nos setores da Indústria, Agricultura, Defesa Nacional e Ciência e Tecnologia), ficou muito famoso, dizia que enquanto o país não abraçasse a quinta modernização, a democracia, o resto seria apenas outra promessa (Sheng, 2012, p. 132-133). Em 1979 Wei, que já havia escrito outros textos provocadores, foi detido e condenado a 15 anos de prisão e o muro da democracia foi reprimido (Sheng, 2012, p. 135). Em 1980 a Gangue dos Quatro foi finalmente condenada e com ela acaba o “extremismo maoísta”, Mao Zedong, porém nunca foi julgado e sua foto continua exposta no portão da Praça da Paz Celestial (Sheng, 2012, p. 137-138).

Ao mesmo tempo Deng se viu em uma encruzilhada, ele defendia uma reforma política e econômica, mas estava preso a concepção da ideologia marxista do partido, em 1978, porém, no III Plenário do XI Congresso Nacional do Partido Comunista, talvez um dos

mais importantes da história da China comunista, os líderes reformistas do partido se reuniram e revisaram sua interpretação oficial da história da China. De acordo com o determinismo histórico marxista a sociedade humana se desenvolve através do seguinte caminho linear: comunismo primitivo, escravidão, feudalismo, capitalismo, socialismo e comunismo, desde 1949 até então, o partido dizia que a China havia se libertado do capitalismo e do feudalismo para entrar no socialismo mas com essa revisão o conceito de feudalismo foi mudado e dessa forma a China dinástica nunca tivera sequer atingido atingindo o capitalismo, era uma sociedade feudal de 2 mil anos, dando a Deng a oportunidade de reverter a política econômica do país para o “modo de produção capitalista” afinal, na teoria marxista, o capitalismo é a solução ao feudalismo (Sheng, 2012, p. 147-150).

De 1978 a 1987, uma série de mudanças acontecem na governabilidade do partido, desde a forma de recrutamento dos membros do partido, agora mais baseadas em qualidade técnica do que militância ideológica, até tentativas de transparência e de separação entre o Estado e o Partido, mas são as mudanças econômicas que mais chamam atenção, é nesse período que são criadas as famosas zonas econômicas especiais, ou ZEEs, cidades e regiões litorâneas que tiveram suas políticas adaptadas para receber empresas e investimentos estrangeiros além de assumirem o modelo econômico de economia de mercado, que depois seriam ampliadas para o Plano de Desenvolvimento das Regiões Litorâneas, que era similar as ZEEs só que numa escala bem maior, essa abertura econômica expandiu e modernizou a indústria mas teve um efeito colateral, uma galopante inflação, de 30% a 60% apenas nos bens de consumo (Sheng, 2012, p. 158-159).

Em 1989, depois de vários anos surpreendentemente calmos, eclodem novos protestos, instigados pelo falecimento de Hu Yaobang, ex-secretário-geral do partido que foi exonerado por Deng, considerado um liberal ainda maior que o próprio, e potencializados pela inflação, os protestos foram em sua grande maioria pacíficos e consistiam de uma gama de pessoas de diferentes áreas, desde intelectuais a trabalhadores, e também de objetivos, desde críticas ao partido por ser repressivo e corrupto até descontentamento com a inflação e o desemprego, porém um tema que estava no centro da manifestação era “a quinta modernização”, o protesto, que em média continha em torno de 100 mil pessoas, ocorreu durante os dias 15 de abril e 4 de junho de 1989, onde terminaria de forma violenta. Devido a uma divisão de opiniões dentro do partido sobre como lidar com as manifestações e pela visita de Mikhail Gorbachov a China, não somente a manifestação durou mais do que o esperado, como também foi amplamente noticiada pelo mundo.



No dia 20 de maio o governo declarou lei marcial e na noite de 3 de julho tanques entraram na praça de Tiananmen, que os manifestantes estavam ocupando e realizando greves de fome a semanas não se intimidaram e se recusaram a sair, e o exército abriu fogo. O número estimado de mortes foi de 727, 14 soldados e 713 civis, com entre 7 a 10 mil feridos de acordo com Tan Yunhe, ex-secretário da cruz vermelha na China e até a noite do dia 4 de junho a praça estava vazia (Sheng, 2012, p. 161). Nos dias que se seguiram houveram várias prisões, as lideranças do movimento, estudantes de famílias influentes, tiveram mais leniência que a maioria e foram permitidos emigrar, enquanto trabalhadores e outras pessoas comuns foram presos e executados, membros da imprensa e do partido que apoiaram o movimento também foram demitidos e exonerados (Sheng, 2012, p. 164-165). Deng havia deixado bem claro no passado que existia um limite a sua tolerância aos protestos e ela se manifestou aqui na sua forma mais crua.

Após os acontecidos em 1989 e com a dissolução da união soviética em 1991 e subsequente fim da guerra fria, cria-se uma enorme sombra de incerteza sobre o futuro do governo chinês e também sobre os chineses, a princípio o governo central tentou impedir as reformas econômicas e políticas, mas esse movimento foi impedido pelos governos locais. Em 1992 Deng, já aposentado e involuntariamente afastado da vida política em virtude da repercussão internacional do massacre em Tiananmen, faz a sua “Viagem ao Sul”, reiterando apoio as suas reformas econômicas que, de fato, na década de 1990 provocaram um enorme crescimento econômico, melhorando o nível de vida dos chineses e devolvendo parte do apoio que o governo perdeu em Tiananmen, foi o sucesso desse tour que manteve as reformas econômicas.

Na China falar sobre o protesto não é ilegal, mas ainda é um tabu e considerado inapropriado ou até mesmo arriscado, o governo, por sua vez, reitera que tomou uma ação necessária para manter a estabilidade. De forma geral, a opinião dos chineses e do governo desse período, até hoje inclusive, é de cautela, tanto na liberalização econômica quanto política (Sheng, 2012, p. 166-167). Afinal, olhando para a situação da Rússia, Índia, Filipinas e Tailândia no mesmo período, a perspectiva de uma transição é bastante assombrosa (Sheng, 2012, p. 171). Houve obviamente reações dos Estados Unidos e Europa Ocidental ao Massacre em Tiananmen, porém, o crescimento econômico chinês já estava em pleno andamento, fortalecendo o mercado interno e fazendo a economia chinesa crucial para economia global, em outras palavras, era um mercado grande demais para ser isolado (Sheng, 2012, p. 178-179).

A morte de Deng, em 1997, marca o fim da era dos homens fortes, que participaram da revolução, Jiang Zemin e posteriormente Hu Juntao, que Deng escolheu para suceder Jiang, seriam os tecnocratas, pois se juntaram ao Partido durante as reformas de adesão de Deng que priorizavam qualidades técnicas, de certa forma pode se dizer que os governos de Hu e Jiang foram extensões do governo de Deng (Sheng, 2012, p. 168-169), e portanto eles tinham muito menos autoridade que Mao ou Deng, o que abria espaço para uma “liderança coletiva”, com oportunidade para a discussão e discordância, pelo menos dentro do politburo, porém também dificultava a continuação das reformas iniciadas por Xiaoping, especialmente as políticas. Na verdade, o governo chinês sob os tecnocratas se assemelhava mais a diretoria de uma empresa do que o governo de um país. (Sheng, 2012, p. 170-171)

É difícil escrever a história enquanto ela acontece, conseqüentemente aqui as fontes deixam de ser os livros de história para se tornar artigos de jornais, dessa mesma forma o trabalho se torna muito mais objetivo e menos crítico. Em 1997, sob a liderança de Jiang, ocorre a transferência da soberania de Hong Kong do Reino Unido para a China, em 1999 a transferência de Macau de Portugal para a China e em 2001 a China entra na Organização Mundial do Comércio, a OMC (Krishnan, 2022). Foi também durante a sua liderança que se iniciam as perseguições aos praticantes de Falun Gong em 1999, inicialmente uma prática religiosa e filosófica que combinava elementos do budismo e taoísmo juntamente com meditação e exercícios *Qigong*, e que em primeiro momento possuía apoio do Partido e cresceu rapidamente na China durante os anos 90, segundo o governo Chinês em seu auge o movimento contava com 70 milhões de adeptos apenas no país (Faison, 1999), por considerar o movimento uma potencial ameaça a autoridade e ideologia do Partido Jiang Zemin ordenou uma campanha de erradicação do movimento (Amnesty International, 2000). Hoje o movimento está sediado em Nova York nos Estados Unidos e administra uma variedade de organizações e jornais críticos ao Partido Comunista Chinês e em apoio a extrema direita política como a *The Epoch Times*, fundada em 2000 e o *New Tang Dynasty Television*, fundado em 2001 (Human Rights Watch, 1999) (Cook, 2017). Devido à dificuldade em corroborar os relatos as estimativas dos números de pessoas afetadas pela perseguição variam muito e as acusações vão desde prisões extrajudiciais, tortura, trabalho forçado, morte e até mesmo a extração de órgãos forçada, as perseguições continuam até hoje dentro da China (Jacobs, 2009). Jiang morre 30 de novembro 2022 de falência de múltiplos órgãos depois de governar a China de 1989 a 2002, a renúncia voluntária e gradual de seus cargos, Secretário-geral em 2002, Presidente em 2003 e Comandante do Exército em 2004, marcam a primeira passagem de poder pacífica da China comunista (Graham-Harrison, 2022).

Hu Jintao foi o líder do país de 2002 a 2012 e presidiu o país por uma década de crescimento e desenvolvimento econômico consistentes que consolidaram a China como uma grande potência mundial. Durante seu governo instituiu a política oficial "Ascensão pacífica da China", ou *Jhongguo heping jyueci*, enfatizando *Soft Power* e caracterizava a China como um líder mundial responsável que evitava confrontos internacionais desnecessários e se preocupava primeiramente com assuntos internos antes de interferir nos assuntos mundiais (Suettinger, 2004). Quanto a economia adotou uma abordagem mais conservadora e começou a reverter algumas das reformas de Deng (Scissors, 2009). Sob seu governo o país passou pela Crise financeira de 2008 praticamente intocado e no mesmo ano sediou as olimpíadas de Beijing (Li e Cary, 2011). De forma geral seu governo foi modesto e reservado e no fim foi elogiado por abrir mão voluntariamente de todas as suas posições assim como seu antecessor (Elegant, 2007).

### 2.3 A CHINA DE XI JINPING

Em 2012, depois de 4 anos como vice-presidente e um ótimo desempenho ao administrar as preparações para as olimpíadas de 2008 (Al Jazeera, 2008), sobe ao poder Xi Jinping, o primeiro líder chinês nascido após a revolução de 1949. Dentre seus primeiros atos, instaurado ainda em 2012 durante o 18º Congresso Nacional, está a campanha anticorrupção, para isso Xi utilizou a Comissão Central de Inspeção Disciplinar (CCID), um órgão do partido, que ele mesmo reformou, e seu secretário de 2012 a 2017, e eventual vice-presidente de 2018 a 2023, Wang Qishan. A campanha foi agressiva e tanto funcionários de alto escalão quanto funcionários comuns, do governo central ou dos locais, aposentados ou não, foram perseguidos e presos. É importante lembrar que o CCID não faz parte do sistema judiciário do estado, é um braço “independente” do Partido que na prática está sob a autoridade do Secretário-Geral, e por tanto quando um funcionário é detido pelo órgão para uma investigação ele não é “preso”, ele é colocado em prisão domiciliar e isolado do mundo exterior num processo extrajudicial conhecido como *Shuanggui* onde o sujeito muitas vezes deve suportar dias de interrogatório cansativo e até mesmo tortura para extrair confissões forçadas, quando o detido chega ao judiciário ele já “confessou”. Por isso muitos, tanto dentro quanto fora da China, consideram a campanha ilegal e abuso de poder, alegando também o fato de que a maioria dos altos funcionários que foram disciplinados apoiavam seus oponentes ou os ex-presidentes Jiang Zemin e Hu Jintao. De acordo com a BBC News, 1,34 milhão de

funcionários foram processados apenas durante os cinco primeiros anos do presidente Xi no poder. Provavelmente, a verdade está em algum lugar entre as acusações dos críticos e a defesa dos apoiadores, e o movimento foi tanto para consolidar poder quanto para livrar o PCC da corrupção, que o próprio Xi considera como o maior risco para a China e para o Partido (BBC News, 2017) (Dorfman, 2018) (Jesus Cambridge College, 2021).

Sob seu governo a censura sobre a internet e a mídia também aumentou significativamente e sua administração é descrita como significativamente mais rígida que a de seus antecessores (Risen, 2014). O Projeto Escudo Dourado, idealizado em 1998 e finalmente colocado em vigor em 2003, comumente apelidado de "Grande Firewall da China", é considerado o maior, mais extenso e mais avançado regime de censura na Internet do mundo, aplicativos, videogames e até mesmo sites inteiros são completamente bloqueados (Qiang 2008) (Xu e Albert, 2017), de acordo com o trabalho "Empirical Analysis of Internet Filtering in China" de Jonathan Zittrain e Benjamin Edelman (2004) pelo menos 18.000 sites estavam bloqueados na China continental apenas até 2002, dentre os quais o Google, YouTube, Instagram, Facebook, Wikipédia, Pinterest, Tumblr, BBC, CBC, The New York Times, NBC News e South China Morning Post, outros foram bloqueados anteriormente mas funcionam agora como o Skype e também há alguns que são periodicamente liberados em determinados locais e épocas para impulsionar turismo e imigração entre outras razões (VpnMentor, 2023) (Mai, 2018). Ainda é possível acessar esses sites através de uma VPN, uma "Virtual Private Network" ou Rede Privada Virtual, que criptografa seu tráfego de Internet e disfarça sua identidade online em tempo real tornando difícil rastrear e roubar seus dados, inclusive por um governo, portanto eles têm regulamentos rígidos informando quem pode usar VPNs e para quais fins, o que significa que as VPNs são legais na China, mas não em todos os lugares e não para todos, estrangeiros e turistas tem um "passe livre", empresas podem usar se obtiverem uma licença do governo Chinês e cidadãos chineses "geralmente" são punidos com uma pequena multa pelo uso de VPNs que não sejam aprovados pelo governo, apesar dessa punição ser arbitrária e variar muito baseado em quem, onde e o que está sendo acessado, o fornecimento do serviço sem permissão do governo por outro lado é um crime bem mais sério, em 2017 Wu Xiangyang foi condenado a cinco anos e meio de prisão e uma multa equivalente a 250 mil reais por fornecer o serviço. De forma geral a posição oficial do governo chinês desde 2018, depois de uma campanha fracassada cujo objetivo era banir todas as VPNs estrangeiras e manter apenas as locais iniciada em 2017, é que o uso de VPNs é proibido exceto em casos estritamente definidos e por VPNs que cooperem com o governo, no entanto, muitos estrangeiros e cidadãos usam VPNs sem

nenhuma consequência, indicando que o governo não impõe a lei e permite que a prática fique impune, a manutenção das VPNs locais pode indicar um interesse do governo em manter a vigilância sobre seu povo ao mesmo tempo que mantém contato com o mundo, afinal a razão do fracasso da campanha de 2017 foi a importância econômica das VPNs (Human, 2024) (Haas, 2017) (Olhar Digital, 2017).

Para contornar a ausência de alguns serviços dos aplicativos bloqueados, aplicativos chineses equivalentes foram criados como o WeChat, o aplicativo de mídia social e de mensagens dominante na China e o aplicativo de mensagens mais popular para a maioria dos cidadãos chineses que estão no exterior, um substituto ao WhatsApp e Facebook, que tem sua administração firmemente controlada pelo governo Chinês, certas "palavras restritas" como "Falun Gong", "Epoch Times" e "4 de junho" foram bloqueadas no aplicativo, algumas são banidas globalmente outras apenas em celulares chineses, algumas podem ser mandadas por um celular do exterior mas nunca chegam nos celulares locais. O CitizenLab, um laboratório interdisciplinar baseado na *Munk School of Global Affairs & Public Policy* da Universidade de Toronto, através da plataforma GitHub, demonstra uma lista de mais de 800 palavras que simplesmente desaparecem quando escritas no aplicativo depois do "Crackdown 709", uma campanha de repressão nacional contra advogados e ativistas de direitos humanos chineses em 2015 que prendeu mais de 300 pessoas (Ruan, Knockel e Crete-Nishihata, 2017) (Sudworth, 2017) (BBC News, 2017).

Mas talvez a parte mais crítica são as detenções tendenciosas, julgamentos injustos, regulamentos repressivos e sentenças severas tendo como alvo especial os "ciberdissidentes" e suas acusações arbitrárias que incluem comunicação com grupos no exterior, oposição à perseguição ao Falun Gong, assinatura de petições online e apelo por reformas e o fim da corrupção. De acordo com a Anistia Internacional (2008) a China tem hoje o maior número registrado de jornalistas e ciberdissidentes presos no mundo e o Repórteres Sem Fronteiras (2012) afirmaram em 2012 que a China é a maior prisão do mundo para internautas quando 78 deles estavam presos por suas atividades online, incluindo o vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 2010 Liu Xiaobo, que não pode receber o prêmio justamente por estar na cadeia. O governo da China, por sua vez, defende seu direito de censurar a Internet alegando que dentro do território chinês, a internet está sob a jurisdição da soberania chinesa, que a soberania da China deve ser respeitada e protegida e que isso não fere a liberdade de expressão de seus cidadãos (Bristow, 2010).

Em 2013, foi apresentado pela primeira vez, durante visitas de Xi Jinping ao Cazaquistão e à Indonésia a iniciativa "Nova Rota da Seda", um projeto de desenvolvimento

econômico e de infraestrutura global que hoje abrange 150 países, incluindo a China, e cerca de 1 trilhão de dólares em investimento, muitos projetos da “Nova Rota da Seda” no entanto foram paralisados em 2022 em vista da dificuldade dos países devedores em pagar suas dívidas logo após a pandemia da Covid 19 forçando o governo chinês a adotar uma postura mais conservadora ao emprestar seu dinheiro (Xinhua, 2015) (Nedopil, 2023).

Os defensores do projeto elogiam seu potencial de elevar o PIB mundial e levar infraestrutura a países em desenvolvimento, os críticos, porém apontam os impactos ambientais, possível violação de direitos humanos e especialmente a enorme dívida que esses países estão criando com a China, um processo comumente denominado de “Diplomacia da Armadilha da Dívida”, que descreve uma relação financeira internacional em que um país ou instituição credora estende a dívida de uma nação, parcial ou exclusivamente, para aumentar a influência política do credor, comparando portanto o projeto a neocolonialismo e imperialismo econômico (Wo-lap, 2016) (Horn, Reinhart e Trebesch, 2020).

Logo após ataques terroristas na província de Xinjiang em 2013 e 2014, o governo Chinês decide responder com uma campanha para reprimir severamente atividades terroristas na região denominada *yanli daji baoli kongbu huodong zhuanxiang xingdong*, cujo a tradução literal ficaria “Ação Especial para Reprimir Atividades Terroristas Violentas” ou ainda mais coloquialmente "Campanha Mão Pesada contra o Terrorismo Violento", que começa em 2014 e sob a administração do Secretário de Comitê do Partido Chen Quanguo, que vai de 2016 a 2021, ela veria seus piores dias. As acusações vão desde a detenção arbitrária de uigures em campos de concentração, trabalhos forçados, supressão de práticas religiosas, doutrinação política, maus-tratos, esterilização forçada, contracepção forçada, e aborto forçado, estima-se também que cerca de dezesseis mil mesquitas foram destruídas ou danificadas, muitos governos do mundo se referem a campanha como um genocídio, a China por sua vez nega que quaisquer direitos humanos estejam sendo violados e identifica os campos como de “reeducação”, apesar de admitir que as taxas de natalidade em Xinjiang caíram mais de 24% em 2019, em comparação com a queda nacional de 4,2%, e que em algumas províncias como Cotã e Casgar a queda foi de mais de 60%, Beijing continua a negar os relatos de esterilização forçada e genocídio, a campanha continua até hoje (Khatchadourian, 2021) (Reuters, 2018) (Griffiths, 2021) (The Associated Press, 2020).

Em janeiro de 2020, Xi comenta pela primeira vez sobre o vírus da Covid-19, sua origem se dá na cidade de Wuhan e a data do primeiro contato seria algum momento entre novembro de 2019 e janeiro de 2020, a origem da doença ainda é tópico de debates (Griffiths, 2020). O governo Chinês inicialmente respondeu à pandemia com bloqueio e censura, Li

Wenliang, amplamente creditado como o primeiro médico a alertar o mundo sobre a doença, foi convocado pela polícia de Wuhan, advertido por espalhar notícias falsas na internet e obrigado a assinar um documento no qual denunciava seus avisos como boatos "infundados e ilegais", ele morreu de Covid em fevereiro de 2020 (Griffiths, 2020) (BBC News, 2020) (Agência Brasil, 2020). A censura porém logo foi derrubada em vista da forte reação tanto interna quanto externa ao surto, o bloqueio por outro lado persistiu e evoluiu para o que hoje se denomina política de COVID-Zero, cujo objetivo era de controlar a pandemia dentro das fronteiras da China através de bloqueios e testes em massa, a política foi muito elogiada pela comunidade internacional e até copiada por vários países do mundo durante a pandemia, especialmente no início, mas com o desenvolvimento das vacinas a política se tornou alvo de críticas dentro e fora do país, o que resultou em uma série de protestos coloquialmente denominado como “Revolução do Papel Branco”, ou *Bai zhi kangyi*, na qual as pessoas levavam apenas papéis em branco como forma de protesto, para evitar que suas palavras sejam usadas contra eles e também como símbolo da censura no país, pedindo o fim da política de COVID-Zero e até o fim do governo de Xi Jinping e do próprio Partido Comunista Chinês, os protestos foram silenciosamente reprimidos e em dezembro de 2022 o governo decidiu flexibilizar a política de COVID-Zero, infelizmente, devido à baixa proteção das vacinas chinesas contra variantes e a persistência do governo central em utilizar exclusivamente as vacinas chinesas o número de internações explodiu (He, 2022) (Davidson, 2022) (Desheng, 2022), a Organização Mundial da Saúde (2023) estima que mais de 120.000 pessoas morreram na China de Covid, a absoluta maioria após flexibilização, o governo chinês menciona 60.000 mortes até janeiro de 2022 (BBC News, 2023), também com a grande maioria após a flexibilização, mas esses dados porém são muito questionados em virtude da opacidade do governo Chinês, de acordo com Michael Schuman (2023), os números reais poderiam variar de 1 milhão a 1,5 milhão de mortes dentro da China durante toda a pandemia.

Seu governo também foi muito criticado pelo que muitos veem como um culto à personalidade, livros, desenhos animados, músicas foram criados em sua homenagem. Em janeiro de 2019 a empresa Alibaba lançou o aplicativo *Xuexi Qiangguo* projetado para estudar o “Pensamento de Xi Jinping”, também referido como “Pensamento de Xi Jinping sobre o socialismo com características chinesas para uma nova era”, uma doutrina ideológica baseada nos escritos, discursos e políticas de Xi Jinping sobre o atual socialismo chinês (Kuo e Lyons, 2019). Até outubro o aplicativo tinha mais de 100 milhões de usuários e é atualmente considerado o aplicativo mais baixado na Apple Store da Apple na China, ultrapassando outros aplicativos chineses famosos como WeChat e TikTok (Huang, 2019) e em 2021, o

governo incluiu o “Pensamento de Xi Jinping” no currículo escolar para alunos do ensino fundamental à universidade (Yu, 2021). O governo por sua vez foi rápido ao rebater as acusações uma vez que a própria constituição do Partido, no artigo 10, inciso 6, página 15, proíbe todas as formas de culto à personalidade e afirmou que os sentimentos que o povo chinês possui por Xi eram sinceros e naturais e que não se assemelham de forma alguma a um culto de personalidade (Reuters, 2017).

Mas talvez a principal marca de seu governo seja a reversão da política oficial de Hu de ascensão pacífica, que já vinha sendo defendida de forma extraoficial por Deng desde os anos 70, por uma abordagem mais agressiva, nacionalista e etnocêntrica Han para a política interna e externa, comumente apelidada de “Diplomacia do Lobo Guerreiro” (Westcott e Jiang, 2020) (Daekwon, 2017), essa abordagem já vinha sendo instigada desde 2012 através do termo “Sonho Chinês”, e se tornou um projeto político nacional oficial no 18º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês que ocorreu no mesmo ano, o projeto basicamente remonta a história da China como o centro do mundo, posto que lhe foi roubado durante o Século da Humilhação Chinesa e que precisa ser conquistado novamente, estabelecendo os pilares para a criação de um “Excepcionalismo Chinês”, a percepção que um país, sociedade e ou cultura é “excepcional”, implicando superioridade. É possível que o termo tenha sido cunhado com base no conceito de “Sonho Americano” também com o objetivo de se opor a ele (J.M., 2013).

Em outubro de 2022, Xi foi reeleito para um terceiro mandato como Secretário-Geral do Partido Comunista Chinês e em março de 2023 para um terceiro mandato como Presidente da China, ambos os cargos possuíam um limite máximo de dois termos estipulado por Deng Xiaoping em 1982 na constituição para evitar um retorno de um ditador tal qual Mao, ambos foram derrubados em pacotes de emendas constitucionais que aboliram os limites dos mandatos que estavam em vigor, esses pacotes também escreveram em 2017 a filosofia política o “Pensamento de Xi Jinping” na constituição do partido e em 2018 na constituição do país, tornando-a uma política oficial de estado. Efetivamente, Xi pode governar a China por tempo indeterminado, ele só precisa vencer as eleições a cada cinco anos, mas considerando o resultado de 2.952 votos a favor, nenhum contra e nenhuma abstenção para presidente em 2023 e sem nenhum sucessor ou opositor à vista, tudo indica que seu governo será longo (Albert, 2023) (Bodeen, 2018) (Associated Press News, 2023).



### 3 DEBATE POLÍTICO NA INTERNET E HISTÓRIA PÚBLICA

Agora que se foi estabelecida uma noção do que é a China atual e sua história recente, é necessário compreender o ambiente na qual essas diferentes interpretações estão sendo difundidas. A internet aparece na história humana como uma ferramenta inigualável em seu impacto, ela é um colossal hiperespaço de informações que não possui centro de comando ou hierarquias e que baseia-se na comunicação recíproca, comunitária, interativa e multipolar de seus usuários, um espaço universal mas não totalitário, “um conjunto vivo de significações, no qual tudo está em contato com tudo” (MORAES, 2000, p.4) em que cada indivíduo é um ator ativo e passivo e que sua única imposição é estar conectado, um ambiente tal qual um escritor de ficção científica só poderia imaginar 40 anos atrás, redefinindo a forma como o ser humano interage com o mundo e que muito provavelmente vai acabar por ou absorver ou eclipsar todos os outros meios de interação humana como já vem acontecendo com a televisão na forma de Streamings e rádios na forma de Podcasts (MORAES, 2000).

É nesse ambiente que o termo “história pública” ganha engajamento apesar de já existir desde 1978, quando o historiador norte-americano Robert Kelley cunhou a expressão *public history* na primeira edição da sua revista *The Public Historian* para se referir a difusão do conhecimento histórico feito para o público geral e não para os espaços universitários ou bibliotecas, porém as ferramentas visualizadas por Kelley para tal tarefa ainda eram as mídias de seu tempo, os filmes, livros e séries de TV, cujo alcance era significativamente maior que o trabalho acadêmico mas irrisório se comparado com a dimensão a internet.

É importante lembrar que a ideia de levar o conhecimento histórico acadêmico para um público mais abrangente já existia antes de Kelley, ele simplesmente cunhou o termo, também é importante não particularizar a situação da história, todas as áreas do conhecimento estão à mercê das potencialidades da internet, tanto positivas quanto negativas. De certa forma, pode-se considerar a história pública, ou a “história para o público”, uma continuação do processo de renovação historiográfica, que vem desde a história metódica baseada em fontes escritas oficiais e métodos rígidos até a história do tempo presente que implica, entre outros pontos, uma nova concepção de fonte histórica, não apenas no documento de arquivo, mas em toda a pluralidade de manifestação das criações humanas. A forma como o historiador pode engajar com essa área é, portanto, limitada apenas pela sua própria criatividade, desde produtor e divulgador de determinado conhecimento até ao ser consultado como fonte ou referência para determinado documentário ou filme, entre outros, levando em conta o respeito

pelo método científico, pela seriedade e pelo caráter analítico da área que pode ser perdido ao buscar a criação de uma produção cujo o alvo é um público não especializado com o conhecimento histórico, afinal o conteúdo que está sendo criado aqui também é entretenimento e essa dicotomia talvez seja o ponto mais importante da história pública a ser discutido, o rigor científico versus a sedução da dramatização e consumo.

No Brasil, o conhecimento histórico e a história pública se tornam objeto de discussão a partir da década de 1990, após o fim da ditadura militar e no meio do processo de redemocratização e ganha ainda mais engajamento em 2011 com a instauração da Comissão Nacional da Verdade e da Lei de Acesso à Informação. A relação entre o historiador e a mídia porém não começou tranquilamente, durante os anos 90, jornalistas, *publishers* e publicitários tomaram esse novo “mercado” e conquistaram a crítica e o público com histórias mais contagiantes e dramatizadas, mas menos críticas e de qualidade questionável, que barganhavam com a verdade em prol de mais audiência, essa situação continua até hoje, um exemplo seria a difusão de livros de história escritos por não historiadores como o *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, do jornalista Leandro Narloch de 2009, cujo o modelo de escrita foi baseado no livro americano *Politically Incorrect Guide to American History* do historiador revisionista Thomas E. Woods Jr. Lançado em 2004, marcado pela ideia de escrever uma história desvencilhada da historiografia “politicamente correta” e que se tornou série sob o nome de *Guia Politicamente Incorreto* em 2017, apresentada pelo youtuber Felipe Castanhari, que na época possuía 10 milhões de inscritos, as potencialidades das duas mídias e seu alcance falam por si só:

Em estudo realizado com 138 estudantes de um colégio de Londrina (PR), a historiadora Márcia Elisa Teté Ramos diagnosticou que um número significativo de alunos concordou com as teses do livro de Leandro Narloch sobre a época da colonização, reforçando as representações do indígena como atrasado, indolente e inadequado à civilização capitalista. Uma das conclusões do estudo indica que o livro (um produto da cultura midiática moldado ao universo cultural dos jovens) é mais aceito pelos alunos e, principalmente, mais convincente a eles, do que o conhecimento histórico tradicionalmente transmitido pelos professores nas salas de aula. Nesse contexto, vale lançar uma questão ainda mais inquietante: que perspectivas teriam os jovens diante da série, uma produção mais dinâmica e visualmente mais atraente do que o livro? (OGASSAWARA; BORGES, 2019, p. 50-51).

Apesar destas críticas o processo de mudanças historiográficas, a história pública movimenta-se em abordar as novas áreas de atuação dos historiadores, nos instigando a se perguntar novamente: qual o papel do historiador e do saber histórico?

No extremo da história pública, além dos livros e séries, se encontra sua participação na internet, cujo impacto na difusão e criação de conhecimento histórico é tão grande que Serge Noiret a descreve como “História Digital”, um braço exclusivo da história pública voltado apenas para sua atuação no ciberespaço e que já vem sendo discutida a anos entre os historiadores com diversas conclusões, a aqueles que falam em reinterpretar os métodos e dominar essa nova área, a aqueles que falam de um novo historicismo e ainda aqueles que defendem que a história deve se tornar digital ou deixará de existir, de qualquer forma (OGASSAWARA e BORGES, 2019).

Segundo Noiret (2005) o mundo digital se tornou parte da produção historiográfica e das ciências humanas como um todo. Essa introdução ao mundo digital porém não é fácil, muitos historiadores podem usar o digital diariamente mas não serem “historiadores digitais”, esse título implica o domínio ou até mesmo a criação de ferramentas e instrumentos digitais que auxiliem a profissão; ele até oferece algumas formas de como produzir conteúdo histórico nesse mundo novo como novas formas de marcação de documentos on-line exemplificadas pelo *Dublin Core* e o *Zotero*, além do uso de bancos de dados e bibliotecas digitais compatíveis entre si através da *Open Archives Initiative*, esses exemplos porém só instigam ainda mais a dicotomia mencionada antes, todo esse rigor não é atraente ao público geral e se presos a esses serviços é possível que a produção histórica digital não se torne pública, portanto:

O alcance das mudanças do ofício de historiador por intermédio do digital é de tal ordem que devemos nos perguntar qual será o impacto da história digital sobre as formas tradicionais de narração do passado, e se, ainda com maior profundidade, não devemos rever nossa própria relação com tempos passados e seu declínio em nosso presente, com a memória e com a história. Interrogar-se sobre a presença pública da história permite que nos defrontemos com essas questões cruciais... Do ponto de vista da presença da história na sociedade, a internet, de fato, corroe a férrea distinção que um dia existiu entre a pesquisa acadêmica e as práticas públicas relativas ao passado, oferecendo a muitos o acesso à documentação histórica em rede e à comunicação nas formas de “ego-narrações” referentes ao passado. (NOIRET, 2015, p. 34).

A internet é afinal um ambiente criado com base em “interações”, quem escreve e quem lê estão a todo tempo interagindo, adicionando, criticando e construindo discursos em um processo que todos são participantes ativos da escrita da “história”, coloquialmente chamado por *crowdsourcing*, exemplificado pela Wikipédia, que também pode ser descrito como “história viva”, praticada por todos e não limitado a atividade de historiadores, uma história sem mediadores, sem historiadores, é essa dinâmica que faz da internet atraente e também perigosa, atraente pela interatividade e alcance, perigosa por ser não necessariamente

baseada em fontes confiáveis mas também pela desconstrução do ofício do historiador e sua importância, por isso Sergei incita a questionar o papel do historiador ao mesmo tempo que instiga a criação de uma nova geração deles, os “historiadores públicos digitais”, cujo a principal mas não única função é a coleta e crítica de novos documentos “inventados” na internet e trazidos ao público graças às contribuições de todos na rede.

De forma geral, a chegada da era digital alavancou a história pública para um outro nível e está obrigando historiadores a se adaptar a essas novas tarefas específicas (NOIRET, 2015), mais especificamente, o Youtube se apresenta quase como um divisor de águas dentro da História Digital, assim como a História Digital dentro da História Pública.

O Youtube é um site fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, todos ex-funcionários do Paypal, em junho de 2005, a palavra vem do inglês *you*, significando você, e *tube*, que significa tubo, uma analogia as televisões antigas de “tubo”, cujo o principal serviço prestado é a capacidade de seu usuários de publicar e assistir vídeos on-line sem a necessidade de conhecimento técnico prévio, antes de seu lançamento existia poucos métodos de se fazer isso e a principal forma de interação entre pessoas no ciberespaço eram os *blogs*, mais do que isso, o site apresentava um interface surpreendente fácil de se usar além de alguns outros recursos importantes, de acordo Jawed, um dos fundadores, o sucesso da plataforma foi resultado da combinação de quatro elementos: um sistema de recomendações de vídeos por meio da lista de “Vídeos Relacionados”, um link atribuído a cada vídeo que permite o compartilhamento do mesmo, a possibilidade de deixar comentários (além de outras funcionalidades básicas de redes sociais em geral como o sistema de *Likes* e *Dislikes*) e um reprodutor de vídeo que permite aos vídeos serem incorporados em outras páginas da internet. De forma geral, a história do site se encaixa muito bem no mito dos empreendedores de garagem do Vale do Silício, jovens humildes e com pouco dinheiro começando uma nova empresa com quase nada além de uma ideia inovadora que acaba resultando em um sucesso multimilionário.

Nessa história, o momento de sucesso chegou em outubro de 2006, quando o Google pagou 1,65 bilhão de dólares pelo Youtube. Em novembro de 2007, ele já era o site de entretenimento mais popular do Reino Unido, com o site da BBC ficando em segundo. No começo de 2008, de acordo com vários serviços de medição de tráfego da web, já figurava de maneira consistente entre os dez sites mais visitados do mundo. Em abril de 2008, o Youtube já hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos. (BURGESS, GREEN, 2009. p. 18)

Todo esse sucesso chamou muita atenção e nem toda foi positiva, como empresa de mídia o Youtube é um metanegócio, ou um *reach business*, ele facilita a produção e

disponibilização um conteúdo, nesse caso os vídeos, mas não é produtor dele, tal qual o iFood não faz comida ou o iTunes não faz música, ao mesmo tempo que aumenta a valorização por esse conteúdo através de mais exposição sendo no início idealizado para vídeos amadores e sem nenhuma lei de defesa de *copyright*, uma abordagem que logo seria questionada e colocaria o site no meio de disputas por direitos autorais, ao mesmo tempo que iniciava um debate sobre cultura participativa e estruturas comerciais para distribuição de vídeos on-line. Em dezembro de 2005, foi publicado o vídeo *Lazy Sunday*, ou Domingo de Preguiça, que era parte do quadro cômico *Saturday Night Live*, propriedade da NBC Universal, que se tornou talvez o primeiro vídeo “viral” da plataforma, conquistando 1,2 milhão de visualizações apenas em dez dias e mais de 5 milhões até fevereiro de 2006 quando a empresa pediu que o Youtube retirasse o vídeo do ar, assim como outros 500 clipes da NBC ou eles enfrentariam ação legal baseada na Lei dos Direitos Autorais do Milênio Digital de 1998, ou *Digital Millennium Copyright Act of 1998* em inglês, foi esse evento que tornou o Youtube um assunto recorrente na mídia tradicional e até mesmo uma ameaça, afinal, como estabelecido anteriormente, a internet, e por extensão o youtube, rejeita hierarquias, sendo assim uma afronta aos monopólios vigentes na televisão e rádio, muitas delas porém começaram a ver a plataforma como um potencial econômico, essa relação entre o potencial social e o capital criou uma incerteza sobre a verdadeira serventia do site.

Pode se dizer que no Youtube uma nova cultura de mídia foi criada que Walter Longo chama de “Idade Mídia”, onde todos podiam participar da produção audiovisual, ilustrada pelo slogan original da companhia *Your Digital Video Repository*, ou “Seu Repositório de Vídeos Digitais”, que vai de encontro com o atual slogan *Broadcast yourself*, traduzido literalmente para “Transmita-se”, mas que estabelece uma mudança simples que muda completamente o conceito do site de “um recurso de armazenagem pessoal de conteúdos em vídeo para uma plataforma destinada à expressão pessoal” (BURGESS, GREEN, 2009. p. 21), transformando o site quase que em sua própria internet dentro da internet, afinal a imagem é mais poderosa que a palavra.

O ser humano é um ser imagético. O homem descobriu que a imagem é uma forma eficaz de comunicação e, desde a era paleolítica, a imagem acompanha o homem, e este, desfruta das grandes proezas que a imagem pode fazer no nosso imaginário desde então. (PELLEGRINI et al., 2010, p. 2)

Entretanto esse uso mais social por parte dos usuários foi rapidamente delimitado pelas práticas corporativistas das empresas do seu enorme engajamento popular, apesar da

insistência por parte do Youtube que serviço se destinava ao compartilhamento de vídeos pessoais, curiosamente foi justamente essa mistura entre a combinação da popularidade de determinados vídeos amadores criados por usuários e o uso do Youtube como meio de propaganda do conteúdo das empresas de mídia que mais agradou ao público e potencializou a alcance do site, o tornando o que ele é hoje, mas ao mesmo tempo criando uma dicotomia entre interesses corporativos e dos participantes da comunidade, um desconforto mútuo entre o criador de conteúdo e seu “investidor” na qual a plataforma não sabe qual lado defender, acabando em uma constante corda bamba tentando agradar um sem ofender o outro, para o observador externo porém a resposta é simples:

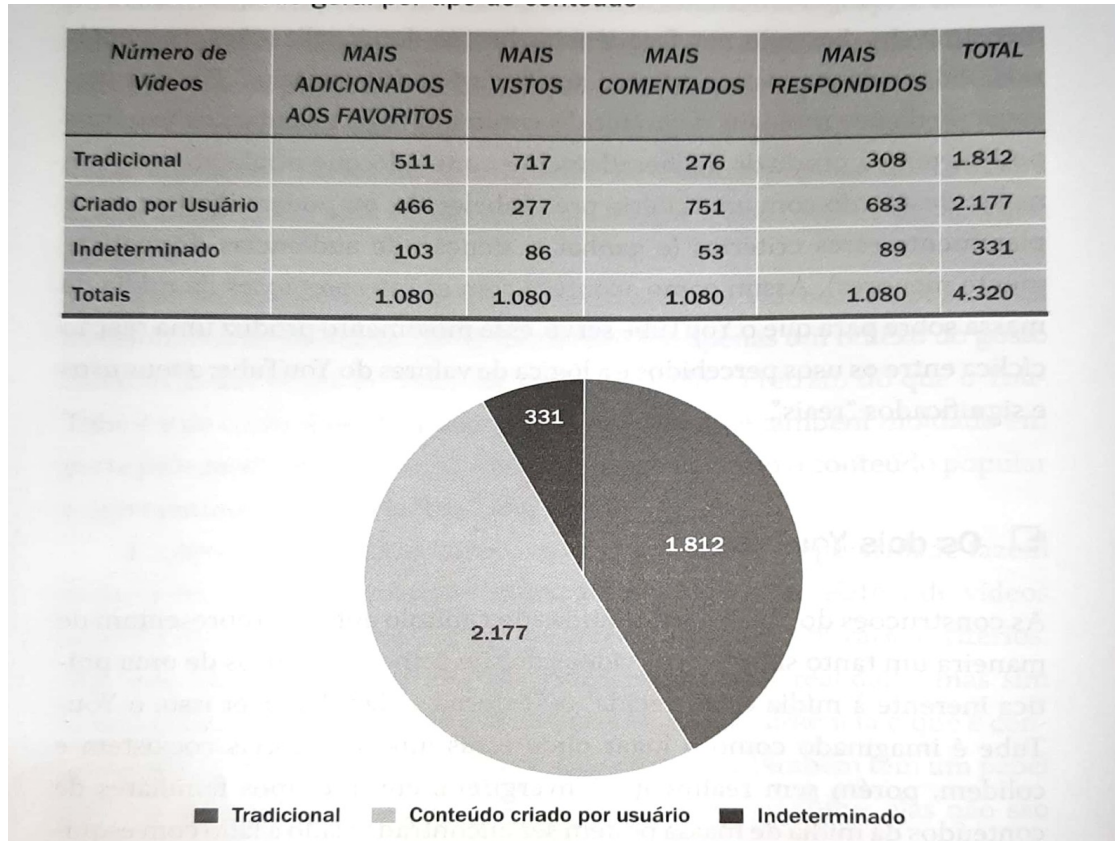
O valor do Youtube não é produzido somente ou tampouco predominantemente pelas atividades *top-down* da Youtube Inc. enquanto empresa. Na verdade, várias formas de valores culturais, sociais e econômicos são produzidos coletivamente *en masse* pelos usuários, por meio de suas atividades de consumo, avaliação e empreendedorismo. A cocriação do consumidor é fundamental para avaliar o valor do Youtube, assim como sua influência contestadora sobre os modelos de negócio vigentes dos meios de comunicação. Avaliado sob essa ótica, podemos começar a refletir sobre a importância do Youtube em termos culturais. Para o Youtube, a cultura participativa não é somente um artifício ou um adereço secundário; é, sem dúvida, seu principal negócio. (BURGESS, GREEN, 2009. p. 23)

Comparar o Youtube a televisão é um enorme desserviço, como parte da Internet ele traz consigo suas mais importantes características, um ambiente marcado por mudanças dinâmicas e orgânicas, diversidade de conteúdo e especialmente uma interação entre o criador e o consumidor, uma via de mão dupla, que permite a possibilidade da criação de uma “cultura participativa”, que é hoje muito mais um potencial do que uma realidade devido a integração inevitável das grandes mídias a plataforma. Um sistema utilizado de várias formas por pessoas diferentes com agendas diferentes, um ambiente híbrido entre a cultura popular e consumismo, de tensões entre interesses comerciais e o bem comum, “parte produção amadora, parte consumo criativo” (BURGESS, GREEN, 2009. p. 32) que cria choques entre o controle *top-down* e a rebeldia *bottom-up*, entre a desigualdade de participação e expressão de alguns de seus usuários e as tentativas de controle de qualidade e conteúdo por parte dos patrocinadores (Burgess e Green, 2009. p. 17-33). É por causa dessa relação empresa/usuário que, de acordo com Burgess e Green, é mais interessante ver o youtube não como uma empresa de mídia nem como uma plataforma de conteúdo amador, mas sim como uma instituição cujo objetivo é mediar o conteúdo voltado para o mercado e para o usuário.

Para entrar ainda mais a fundo na forma como a plataforma funciona é preciso entender lógica cultural dominante, para isso podemos usar a análise de Burgess e Green no

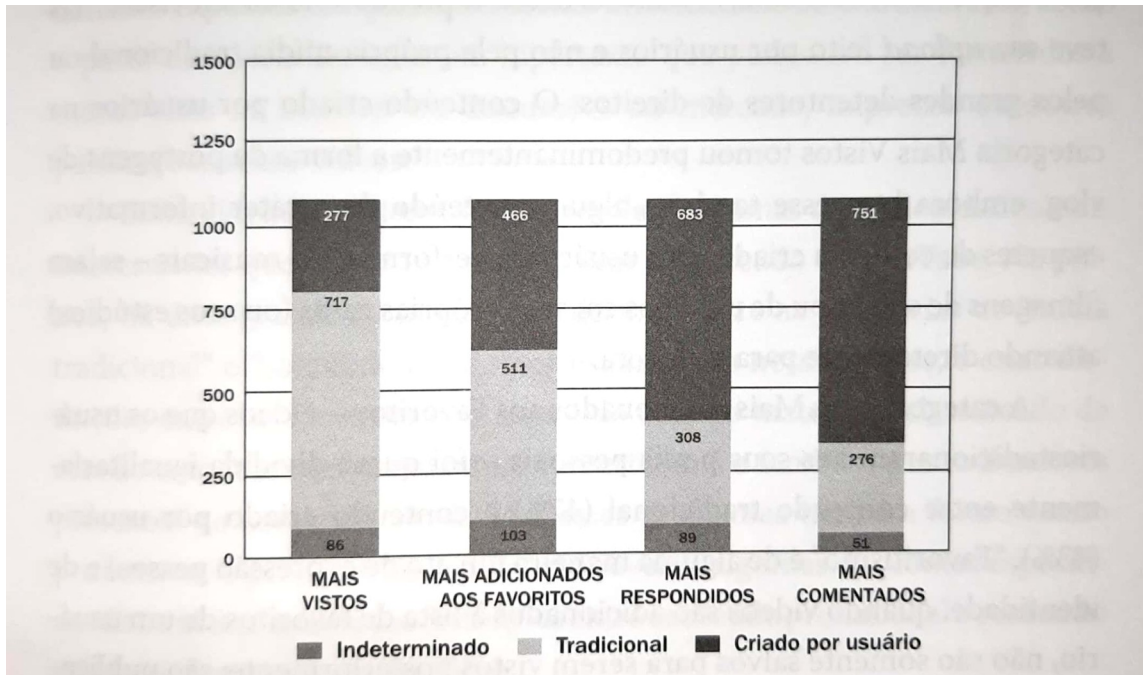
livro de 2009, Youtube e a Revolução Digital, onde 4.320 vídeos foram reunidos e organizados por popularidade, origem aparente da produção do vídeo e quem fez o upload, além é claro de determinar o conteúdo do vídeo, durante o período preestabelecido de três meses (agosto, outubro e novembro) de 2007.

Gráfico 1 – Visão geral por Tipo de conteúdo



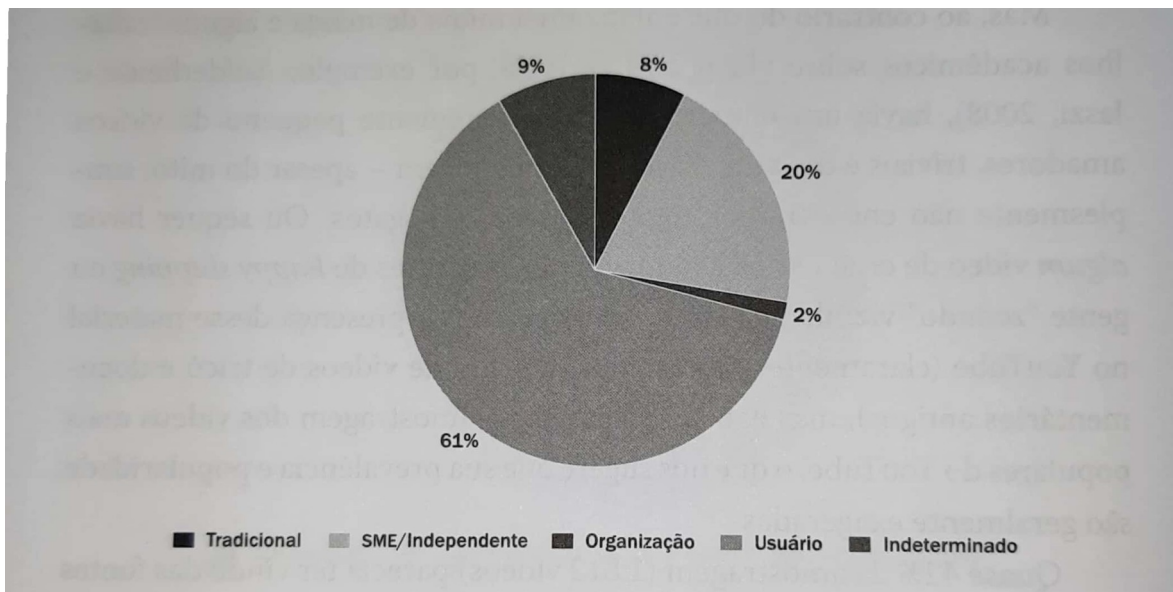
Fonte: Burgess, Green Pág. 66 (2009)

Gráfico 2 – Tipos de conteúdo por popularidade



Fonte: Burgess, Green Pág. 69 (2009)

Gráfico 3 – Tipos de "uploaders"



Fonte: Burgess, Green Pág. 68 (2009)

Os gráficos 1 e 2 mostram a divisão por produção: Usuário, Mídia Tradicional ou Indeterminado e a divisão por popularidade, através das categorias de: Mais Vistos, Mais Adicionados aos Favoritos, Mais comentados e Mais Respondidos, sendo os vídeos Mais Respondidos aqueles que mais registraram respostas em vídeo e não comentadas. O gráfico 3 demonstra quem fez o "upload" do vídeo: Uma empresa de mídia tradicional, uma empresa de pequeno ou médio porte ou SMEs (*Small-to-Medium Enterprises*) também chamadas de



produtoras independentes (*indies*), um usuário, uma organização governamental/institucional ou uma fonte indeterminada.

Através desses dados podemos concluir que pouco mais da metade desses vídeos, 2.177, foi produzido por usuários, sendo a maioria deles vlogs (quase 40%), seguido por vídeos musicais feitos por usuários (15%), material ao vivo como esportes e cenas do dia a dia (13%), conteúdo informativo como jornais, entrevistas e análises de jogos (10%), material com roteiro como vídeos de comédia e animação (8%) e um restante formado por gêneros inclassificáveis ou novos, mostrando que pelo menos até 2007 o youtube ainda fazia jus a sua promessa de *Broadcast yourself*, o vlog inclusive, que é uma abreviação da palavra videoblog, ou vídeo + blog, não só é a maioria como, de acordo com os autores da pesquisa, a razão pela popularidade do site, um vídeo simples e onde um indivíduo expõe sua opinião sobre determinado assunto, no caso do youtube, os vídeos mais pessoais e íntimos, de pessoas falando apenas sobre o seu dia a dia e problemas, foram aqueles com mais engajamento, esse modelo lembra claramente uma forma de comunicação interpessoal e demonstra a principal diferença entre a Televisão e a Internet. É importante notar que o grande número de pessoas comuns que participam do youtube não significa necessariamente uma “democratização” da mídia, uma vez que não há exatamente uma transferência de poder, a situação, portanto pode ser melhor interpretada como uma “popularização” da mídia. Outro fator interessante é como os vídeos se tornam populares de formas diferentes, os usuários parecem dominar os Mais Respondidos e os Mais Comentados, enquanto as mídias tradicionais dominam os Mais Vistos e Mais Adicionados aos Favoritos, cada um engajando de forma diferente com a sua audiência.

1.812 vídeos parecem vir de fontes tradicionais de mídia, a grande maioria é programação informativa como jornais (30%), seguido por materiais com roteiro como novelas (21%), vídeos ao vivo como debates de eleições e filmagem de esportes (17%), vídeos de música dos próprios artistas (13%) e finalmente material promocional como trailers de filmes e comerciais de produtos (11%) e um restante formado por conteúdo diverso e inclassificável, curiosamente, como visível no gráfico 3, a maioria desses vídeos não foram postados pelas mídias tradicionais, mas sim por usuários, fomentando a guerra dos direitos autorais na plataforma mais também criando a base do que os autores chamam de “Youtubidade”, uma espécie de cultura participativa do exclusiva ao site em que todos os fornecedores de conteúdo são participantes em potencial desse espaço comum e precisam respeitar suas práticas de participação, comentando, respondendo, assistindo e, especialmente, permitindo a manipulação e transformação de seu conteúdo (Burgess e Green, 2009. p.35-83).

Outro ponto interessante da plataforma é o quanto ela pode mudar de função dependendo de como está sendo utilizada, grande parte das pessoas apenas assiste os vídeos e comenta, mas para aqueles que “Logam” e “Postam” vídeos o site se torna uma espécie de rede social, transformando seus canais em algo semelhante aos grupos do Facebook, o que é curioso considerando que o site nunca foi desenhado tendo em vista a participação colaborativa, pelo contrário, o site foi criado com a usabilidade em primeiro plano, fazendo da acessibilidade da plataforma bastante fácil, mas ao mesmo tempo bastante individualista, foi através de outros sites e da voz de usuários mais famosos, também descritos como “Youtubers líderes”, que o Youtube evoluiu e expandiu, na verdade, a criação da “Youtubidade” e a sua popularidade são uma consequência inesperada e incompatível com os ideais de uma empresa de mídia comum que acabou por criar e continua criando uma série de potencialidades que nunca foram sequer projetadas, o seu uso como rede social é apenas um exemplo, também pode se perceber a criação uma espécie de um arquivo cultural acidental, um imenso arquivo público da cultura popular contemporânea na forma audiovisual, ou também o uso do vídeo como ativismo como o caso da filmagem amadora do espancamento de Rodney King pela polícia de Los Angeles em 1980 postada no site e seu subsequente clamor público, inclusive resultando na criação de uma organização de direitos humanos chamada Witness, ou testemunha em português, pelo músico Peter Gabriel, voltado exclusivamente ao uso do vídeo para expor abusos, muitos Youtubers inclusive não buscam remuneração financeira ou mesmo até mesmo fama, apenas a troca livre de “presentes” culturais, o que se assemelha muito a lógica de Mercado de Presentes de Lewis Hyde apresentada no livro *The Gift: Imagination and the Erotic Life of Property* onde um determinado mercado não é moldado pela lógica de bens de consumo com diferentes noções de valor mas pela troca de presentes, ou melhor dizendo, a obrigação de dar, aceitar e reciprocitar um determinado bem, nesse caso trabalho criativo desses usuários. Sem um propósito bem definido ela pode ser tudo que o usuário quiser, desde que a administração da empresa continue a permitir essa liberdade é claro.

Independentemente de qual seja o futuro do Youtube é impossível negar seu impacto, por sua causa hoje o audiovisual já se tornou uma parte integral do dia-a-dia das pessoas e mudou nossa relação com a propriedade intelectual, com o entretenimento e o conteúdo audiovisual para sempre, esse impacto é tão grande que até mesmo novos sites da área imitam a plataforma, seu objetivo é “ser o youtube de tal coisa...” mas isso não significa que essa posição seja permanente, existem alternativas ao site, especialmente em países mais controladores sobre suas mídias, como a Coreia do Sul e China, o que não permite dar ao Youtube o título de “instituição global” ainda, é difícil também afirmar se o site vai continuar

mantendo esse crescimento sustentável que tem incentivado no futuro, um crescimento em que o usuário continue tendo voz e relevância, fazendo da empresa uma cocriação entre todos seus usuários. De fato, a maior dúvida sobre o seu futuro está na incerteza da continuidade da cultura participativa criada na plataforma e na definição de um objetivo para as novas mídias digitais, a empresa tem contornado essas questões através de uma governança suave, restringindo apenas o mais necessário e permitindo todo o resto, mas a verdade é que o site está nesse momento além do controle de uma única pessoa ou grupo, ela está sendo criada a cada nova interação, a única questão que resta a se perguntar é como queremos intervir, porque vamos intervir, eventualmente (Burgess e Green, 2009. p. 85-142).

Se queremos analisar o Youtube de uma perspectiva mais localizada, não apenas geograficamente, mas também em questão de conteúdo e tempo, podemos nos apoiar nos artigos *Checagem da veracidade do conteúdo de vídeos do Youtube que universitários utilizam para estudar* de Estevon Nagumo e Lucio França Teles publicado em 2022 e *Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube* de Odir Fontoura publicado em 2020. O artigo de Nagumo e Teles busca, em meio de um ambiente cada vez mais permeado pela desinformação, analisar como os estudantes universitários utilizam o Youtube para estudar e, mais especificamente, como eles checam sua veracidade.

Segundo a TIC Educação 2019, dentre os alunos de escolas urbanas 93% pesquisaram na internet para fazer trabalhos escolares, 88% usaram a internet para aprender a fazer algo que não sabiam ou que tinham dificuldade de fazer, e 72% usaram a internet para ensinar outras pessoas a fazer algo... Adolescentes de 8 países consideram o Youtube como sua plataforma de aprendizagem informal mais importante. Os jovens americanos de 14 a 23 anos indicam que os vídeos on-line da plataforma Youtube são o seu meio preferido de aprendizagem (59%), superando a preferência por livros (47%). (NAGUMO, TELES, 2022. p. 4).

O artigo faz um bom ponto ao lembrar que o site, apesar de vender um serviço quase essencial atualmente, ainda é uma empresa privada e como tal seu objetivo primário é manter as pessoas assistindo o máximo de tempo possível, contando que traga engajamento qualquer coisa vale independentemente de qual seja o conteúdo transmitido, e também de como o algoritmo do site, o sistema que escolhe que vídeo será recomendado para o usuário baseado no seu histórico de visualizações, pode incentivar conteúdos mais radicais ou desinformativos. O algoritmo, ou mais exatamente a sua transparência, ainda não era uma questão tão importante para Burgess e Green em 2008, mas hoje está no centro das discussões atuais sobre o Youtube, juntamente com a falta de privacidade e a venda de dados, é curioso ver inclusive o quanto o youtube expandiu desde o livro de Burgess e Green, eles já

mencionavam a ideia de tratar o site como uma instituição ao invés de uma empresa, mas agora ele parece maior, quase como um Estado-nação dentro da internet. Os estudantes podem parecer estar a par desses mecanismos de manipulação e cada vez mais vigilantes.

Essa foi uma pesquisa qualitativa, que busca a perspectiva dos participantes, para escolher os participantes o critério foi a diversidade de áreas de estudo, foram coletadas 192 respostas de um questionário enviado por WhatsApp e mais 23 entrevistas foram realizadas entre abril e maio de 2021 e analisadas com base na Teoria Fundamentada desenvolvida por Barney Glaser e Anselm Strauss. Dentre os participantes 70% eram do sexo feminino e 73% tinham entre 15 e 34 anos, a maioria eram estudantes de graduação (67%) e 53% estudaram a maior parte da vida em escola pública, as respostas vieram de todas as regiões do Brasil, mas a maioria era do Distrito Federal (57%), 54% informaram que já encontraram alguma notícia falsa na plataforma e 58% admitiram fazer algum tipo de checagem de conteúdo antes usar um vídeo para estudar, dentre as notícias falsas mais disseminadas na época da pesquisa estão a desinformação sobre a Covid-19 e alguma informação sobre política em geral, quanto a forma de verificação do conteúdo os participantes utilizaram de comparação do conteúdo do vídeo com outras fontes, checagem do perfil do canal, checagem das referências indicadas no vídeo, a comparação com outros vídeos, e a checagem dos comentários, em resumo, a maioria já teve contato com informações falsas e tem o costume de checar o conteúdo, a maioria também admitiu ter tido alguma aula ou na escola ou na faculdade, em diferentes cursos, sobre desinformação na internet, mas a maioria não são todos, de acordo com o estudo 42% não costumam realizar checagem do conteúdo, é importante lembrar a diversidade de áreas questionadas: Administração, Agronomia, Ciências Políticas, Ciências Sociais, Design, Direito, Educação, Engenharia, Filosofia, Letras e Psicologia, e que algumas delas são mais “exatas” que outras, ou como um correspondente afirmou, “auto verificáveis”, mas essa premissa pode ser perigosa em outras áreas do conhecimento como as ciências humanas por exemplo.

Como método de verificação os autores sugerem a leitura lateral, verificar se a informação é relatada da mesma maneira em várias fontes diferentes, eles também incentivam várias coisas que os usuários já vinham fazendo como a leitura dos comentários, mas criticaram outras como a confiança depositada nos vídeos com muitas visualizações e curtidas, uma vez que maior popularidade não significa necessariamente maior credibilidade. De forma geral, o resultado foi positivo ao expor a seriedade com que os usuários do ensino superior têm utilizado o youtube, apesar da desinformação ainda podem se tornar um problema no futuro, no fim do dia “Maximizar os benefícios e minimizar os males da

utilização Youtube para estudos depende de um uso crítico dessa plataforma pelos estudantes.”. (NAGUMO, TELES, 2022. p. 12)

Subsequentemente, temos o artigo de Fontoura, que se aprofunda ainda mais sobre o uso do Youtube na área da história ao analisar as diferentes narrativas históricas dentro da plataforma. O artigo já começa nos lembrando do quão recente são as escolas e universidades nesse modelo “corporativo” com o qual estamos tão acostumados, com prédios, bibliotecas, salas de aulas e *campi*, e que, da mesma forma que o ensino mudou para o que ele é hoje, estaria mudando novamente para uma espécie de *ágora* virtual, um ambiente no qual ainda não teríamos a capacidade de lidar corretamente e criticamente, tendo em vista a quantidade absurda de informações e conteúdo.

A pesquisa foi feita em aproximadamente dois meses, entre os dias 22 de outubro de 2018 e 22 de janeiro de 2019, utilizando o próprio mecanismo de busca do youtube, pesquisando a palavra-chave “história” e filtrando os vídeos sob o critério de “maior visualização”, os 80 vídeos mais acessados foram analisados e catalogados, destes, 51 (mais de 63%) parecem adotar a uma narrativa acadêmica da história e outros 28 (35%) parecem propor revisões, questionamentos e críticas dessa historiografia, o primeiro grupo quase chegou a 50 milhões de visualizações e o segundo ultrapassou os 20 milhões.

Com o objetivo de expandir ainda mais sua análise Fontoura dividiu esses dois grupos em várias subcategorias baseadas nos canais de publicação, o primeiro grupo, de 51 vídeos, que buscam manter uma coerência com a história acadêmica o autor dividiu em seis subcategorias: Os canais de cultura *pop*, que não são exclusivamente de história e que também falam de jogos, filmes e series, mas que se preocupam com referências e fontes, como os canais Nostalgia e Nerdologia; Os canais voltados a preparação para o ENEM ou pré-vestibular, que publicam os famosos “resumões” de conteúdo, exemplificados pelos canais Débora Alladim, Aulalivre, Pró-Universidade Online e Se Liga Nessa História, que são de longe o maior grupo, 30 dos 51 vídeos eram dessa subcategoria, feitos geralmente por professores formados e com os conteúdos orientados pelo currículo escolar e que em sua maioria vendem pacotes de vídeos mais completos e aprofundados além do conteúdo gratuito no Youtube; Os canais cujo a temática é exclusivamente universitária e que tem por objetivo levar conteúdo acadêmico a públicos mais amplos, como o Canal do Pirula e o ObrigahISTÓRIA; Os canais que foram descontinuados com o tempo e não tem atualizações a anos, como os canais Vinicius Recanello de Almeida, Preparação Digital e educabahia; Os canais institucionais e oficiais, que são os menos assistidos, como os canais Nova Escola, da TV Brasil e Univesp; E por fim os canais não autorais que publicam conteúdos produzidos

por outros, como o canal Dylson que publicou um documentário sobre a história do Brasil produzido por Boris Fausto e pela TV Brasil que chegou a 2,4 milhões de visualizações e os canais Renato Reis I e Conhecimento que publicaram o documentário “A história do mundo em duas horas” produzido pelo History Channel e que chegaram a 1,8 milhões de visualizações. Sobre esse grupo o autor chama a atenção para uma presença significativa de empresas privadas com objetivos definidos pelo mercado que norteiam a produção histórica no site além de uma proeminente ausência de universidades e instituições públicas.

O segundo grupo, de 28 vídeos, que busca na maioria das vezes questionar a legitimidade da história tradicional e ocasionalmente reivindicar essa autoridade foi dividido em cinco grupos: Os canais religiosos misturados com teorias da conspiração, como o Canal do Braga, O Lado Escuro e Mundo Proibido que falam sobre figuras religiosas porém sem se basear exclusivamente em acontecimentos bíblicos e adicionando mitos e lendas urbanas como extraterrestres e reencarnação; Os canais religiosos que se mantêm fieis as narrativas bíblicas mas tentam fazer uma análise mais factual desses episódios como os canais Documentários Bíblicos, Sermões inteligentes e Evidências NT; Os canais que defendem que a historiografia tradicional teria suprimido propositalmente certos temas como os canais Fatos Desconhecidos, Mundo Desconhecido; Os canais que trazem uma história que não é feita por historiadores mas por outros profissionais como os canais Buenas Ideias e o Brasil Paralelo, que não desqualificam a história como um todo mas criticam como os historiadores tem feito seu trabalho e que a história deveria ser “revisitada”; E por fim temos os canais que fazem o mesmo que o subgrupo anterior mas com o conteúdo alheio, como o canal Dark Documentários que postou o documentário “Gigantes do Brasil – nossa história”, produzido pelo History Channel, ou o canal Leonardo Araújo que publicou uma entrevista, de 2010, com Leandro Narloch, autor do Guia politicamente incorreto da história do Brasil, e com o historiador Marco Antônio Vilas que não era de sua autoria. Por fim, o autor relembra que essas lutas pela autoridade histórica não são novas, antes do Youtube a luta pela narrativa era contra as grandes emissoras de TV, o que é curioso já que dentro da plataforma os historiadores têm perdido espaço justamente para os jornalistas, também é importante notar que os conteúdos revisionistas não são a maioria, ainda que ocupem um espaço considerável dentre os vídeos analisados, mais de um terço, mas que a disputa pela narrativa histórica ainda está em jogo e que essa situação pode ou não se manter.

Em sua conclusão Fontoura relembra que a interação entre história e Youtube nas salas de aula tem sido primariamente positiva, mas insuficiente, e que ao invés de trazer o Youtube para a sala de aula o inverso traria mais frutos, levando a academia para dentro do

Youtube, ele termina nos questionando qual seria o papel do historiador nesta *ágora* virtual, onde a autoridade não é propriedade de ninguém. (Fontoura, 2020)

#### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DISCURSOS

Tendo uma boa ideia tanto da história contemporânea chinesa quanto da área da história pública, pode-se entrar de fato no tema da pesquisa, a apresentação, análise e comparação das diferentes interpretações da China Popular no Youtube, essa pesquisa foi realizada a partir da análise de 15 vídeos de três canais de Youtube diferentes, inicialmente a divisão desses vídeos seria feita separando cada canal em um determinado alinhamento ideológico dentro de um espectro político dividido entre esquerda e direita, porém ao verificar mais a fundo os canais percebeu-se que eles não se fixam muito bem nessa régua, de forma geral definimos que a esquerda é associada a Multiculturalismo, Coletivismo, Progressismo e Socialismo enquanto a direita defende ideais como Nacionalismo, Individualismo, Conservadorismo e Capitalismo, e entre os dois se encontra o centro político que não se alinha absolutamente com nenhum dos lados e argumenta em favor da necessidade de conciliar ideias das duas áreas.

Esse sistema funciona mas não consegue explicar ideologias como o anarcocapitalismo, por exemplo, que mistura ideias anarquistas, normalmente alinhadas a extrema-esquerda e ao comunismo, e o capitalismo, alinhado à direita, portanto será utilizado a não ortodoxa e extra oficial categorização da “bussola política” criada por Wayne Brittenden no site [politicalcompass.org](http://politicalcompass.org), que divide o espaço político em dois eixos, o econômico na horizontal e o social na vertical, sendo o primeiro referente a como a economia funciona e o segundo o grau de intromissão do estado na vida pessoal, essa não é uma divisão perfeita, mais é mais ampla do que o já defasado sistema esquerda e direita, além de ser bastante apropriado para um trabalho cujo o objetivo é analisar conteúdo audiovisual na internet.

Os canais em questão não foram escolhidos por sua popularidade tal qual as pesquisas anteriores, mas sim por serem considerados canais de “informação”, cujo objetivo principal é a difusão de um determinado tópico e, obviamente, por terem a China contemporânea com um de seus temas. A análise aconteceu entre os dias 1 e 12 de setembro de 2023 e compilou 5 vídeos de cada um dos 3 canais, sendo eles o TV Grabois, representando a esquerda autoritária (topo/esquerda), o BBC News Brasil, representando o centro radical (centro/centro), e o Visão Libertária, representando a direita libertária (baixo/direita), é importante notar porém que os canais não necessariamente se encaixam perfeitamente em suas categorias, essa divisão não foi feita para ser levada à risca mas como uma forma do



leitor de localizar esses canais dentro da esfera política e já ter em mente o alinhamento do discurso.

#### 4.1 TV GRABOIS – A “ESQUERDA AUTORITÁRIA”

O TV Grabois é um canal estabelecido em 23 de fevereiro de 2010 e conta com 102 mil inscritos, 988 vídeos e 4.846.504 visualizações, ele é um braço da Fundação Maurício Grabois, fundada em 1995 com o nome de Instituto Maurício Grabois e renomeada em 2008, pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), é uma instituição de pesquisa alinhada ao marxismo que aborda os mais diferentes temas através das lentes dessa ideologia, o canal contém uma série de *playlists* dentre os quais está o “Meia Noite em Pequim” cujo o tema é a China de forma geral e apresentado por Elias Marco Khalil Jabbour, Membro do Comitê Central do PCdoB, graduado, mestrado e doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo, professor Adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da UERJ e de seu Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas (PPGCE) e atualmente Consultor da Presidência e da Diretoria de Pesquisas do New Development Bank, o Banco dos BRICS. O canal foi escolhido pelo fato que conteúdo dos vídeos se fixaram a esquerda da linha econômica e próximo ao topo da linha social, com uma política que defende uma forte interferência do estado na economia do país e na vida pessoal de seus cidadãos, apesar que não exatamente nos extremos.

O primeiro vídeo do canal a ser analisado foi o “A China é Socialista?”, com 10 minutos e 38 segundos de duração, publicado em 24 de maio de 2021 e contando com 39.213 visualizações até o momento. Assim como todos os outros da *playlist* “Meia Noite em Pequim” ele é gravado em formato de vlog com uma leve edição e no vídeo Elias Jabbour tenta responder a pergunta que o intitula, em um primeiro momento ele define o que é socialismo do seu ponto de vista, apenas o próximo estágio da sociedade, que não é uma utopia, é marcado por riqueza, abundância material e fortemente ancorada na ciência, no seguinte momento ele explica um pouco da história do movimento político de um ponto de vista marxista, onde a relação entre capital e trabalho move as sociedades, e que o capitalismo, em sua “ganância” se expandiu pelo globo na forma de imperialismo, e é justamente nas lutas anti-imperialistas que Jabbour argumenta que o socialismo ganha força, e não na rebelião dos trabalhadores das sociedades mais industrializadas como Marx e Engels

previram, dentre os países que participaram dessas lutas está a China. Ele aponta para o quão recente a ideologia é, tendo o socialismo 100 anos e a República Popular da China apenas 70 e que, portanto, o socialismo ainda está em sua fase embrionária, argumenta que a ciência é um instrumento de governo e alcançou grandes feitos, aqui se encontra as únicas fontes do vídeo na forma de matérias de jornal, por fim ele defende que não se deve criar definições muito fixas do socialismo uma vez que ele ainda está em processo de desenvolvimento, esse vídeo, assim como todos os outros vídeos analisados em todos os canais, apresenta algumas informações sobre sua edição ao final, mas nenhuma fonte, durante o vídeo apresenta algumas notícias de jornal para embasar o cenário de fartura e desenvolvimento atual no país (TV Grabois, 2021).

O segundo vídeo se denomina “Qual o legado de Mao Tsé-Tung?”, com 15 minutos e 39 segundos de duração, publicado em 9 de setembro de 2021 e contém 54.128 visualizações. É basicamente um grande resumo da história de Mao na tentativa de responder como o partido comunista chinês chegou ao poder tão rapidamente na China. Ele inicia com as origens de Mao até sua chegada a Pequim onde funda juntamente com Chen Duxiu e Li Dazhao em 1921 o Partido Comunista Chinês que se baseava fortemente no modelo soviético até 1928 com a Rebelião de Xangai, brutalmente silenciada pelo *Kuomintang*, onde Mao começa a questionar o modelo e percebe uma importante diferença entre a realidade europeia e chinesa, que as revoltas chinesas são camponesas e não trabalhistas, uma herança histórica dos ciclos dinásticos chineses, e em 1934 lidera a grande marcha, uma retirada estratégica fugindo de perseguição política que o consolida como líder e mistura o marxismo com a realidade do país dando origem ao maoísmo em 1935. Em 1938 a China é invadida pelo Japão onde Mao propõe uma aliança com o *Kuomintang*, após a derrota japonesa em 1945 a guerra civil na China recomeça e em 1949 termina com a vitória dos comunistas, o país se industrializa com auxílio soviético e auxilia a Coreia do Norte em 1951, mantém boas relações com a União Soviética até 1956 quando Mao critica a denúncia dos crimes de Stalin e inicia a cisão entre os dois países, comenta muito brevemente o período de 1956 a 1976 e o identifica como um erro do líder que acaba morrendo em 1976 e deixado como legado a possibilidade da China reatar relações diplomáticas com os Estados Unidos e quebrar seu isolamento internacional, o que permitiu que as reformas de Deng fossem um sucesso, Elias cataloga o líder como o maior líder anticolonial da história e pai da China moderna, o vídeo cita dois livros como fontes, “A Estrela Vermelha Brilha sobre a China” de Edgar Snow e “Sobre a Prática e Sobre a Contradição” de Mao Tse-tung (TV Grabois, 2021).

O terceiro vídeo foi “A História da China e o Conflito na Praça da Paz Celestial” com 11 minutos e 6 segundos de duração, publicado em 25 de abril de 2022 e contando com 28.271 visualizações. O vídeo fala a respeito dos “acontecimentos” na praça da paz celestial em 1989 e começa questionando a perspectiva ocidental do acontecido ao mesmo tempo que justifica as ações do governo como uma forma de manter o poder conquistado pelo partido, culpa a inflação e, especialmente, a corrupção, ambas segundo ele resultado das reformas de Deng e da expansão do Capitalismo na China, como sendo os catalisadores do protesto iniciado com a morte de Hu Yaobang, protesto que se torna uma rebelião contrarrevolucionária com o passar dos dias e deixa a entender uma interferência estrangeira, afirma que houve conflito na praça mas não um massacre e menciona imagens de soldados sendo queimados vivos por estudantes, argumenta que falou com chineses e membros do governo chinês sobre os acontecidos e menciona que a queda dos regimes socialistas era um processo internacional naquele momento histórico, argumenta também que antes da praça houveram combates entre manifestantes e soldados nas periferias da cidade, que protestos só aconteceram apenas na cidade de Pequim e que a maioria da população chinesa apoiava o governo, como fonte cita os *The Tiananmen Papers* apenas, um livro que compila uma série de documentos supostamente oficiais chineses ilustrando a tomada de decisões do governo por dentro do Partido (TV Grabois, 2022).

O quarto vídeo leva o nome de “Campos de concentração na China: Mito ou verdade” com 10 minutos e 35 segundos, publicado 28 de junho de 2021 e contando com 17.800 visualizações. O vídeo apresenta a perspectiva de Jabbour sobre o tema dos supostos campos de concentração em Xinjiang. Ele inicia o vídeo informando que a China possui 1,4 bilhões de habitantes divididos 56 etnias, dentre os quais estão os uigures e que essa “perseguição” contra a China começa em 2018 quando a funcionária do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos Gay McDougall leu um relatório apontando que a china mantém 2 milhões de uigures presos em campos, dando início a discussão, diz que ela não apresentou nenhuma prova e comenta que a região tem o maior número de mesquitas per capita do mundo, além de ter tido um enorme salto populacional, um crescimento econômico invejável e de um enorme processo de urbanização sob o governo comunista, para rebater críticas a trabalho forçado nas plantações de algodão menciona que 90% da produção de algodão na província é automatizada, culpa Adrian Zenz entre outros intelectuais por essa “perseguição” a China, argumenta que a região é majoritariamente islâmica e que está sujeita a doutrinação radical, que organizações terroristas se instalaram na província durante o processo de urbanização culminando nos ataques terroristas ocorridos durante as olimpíadas

de 2008 e os usa como justificativa para criação destas prisões, relembra que o governo chinês os denomina como campos de reeducação, com o objetivo de desradicalizar o extremismo islâmico. Finaliza dizendo que não existe nenhum dado que corrobore que isso esteja acontecendo na China, relembra a situação geopolítica em que nos encontramos, uma nova guerra fria entre China e Estados Unidos, e que a China convida observadores internacionais a olhar a região o tempo todo, o vídeo não apresenta fontes (TV Grabois, 2021).

O quinto e último vídeo do canal é denominado “Relatório da ONU sobre Xinjiang: Existe um “genocídio” na China?”, com 10 minutos e 18 segundos, publicado em 26 de setembro de 2022 e contando com 20.916 visualizações. Ele é basicamente um comentário sobre o relatório do Alto Comissariado da organização das Nações Unidas sobre Direitos Humanos sobre a situação no Xinjiang, publicado mais de um ano após o vídeo anterior e em resposta a novas informações sobre a situação na província, ele inicia comentando a visita que Michelle Bachelet, então no comando do Alto Comissariado, fez a Xinjiang em 2022, pouco antes da publicação deste vídeo, por pressão da “comunidade internacional”, que Elias diz ser apenas o ocidente, que ela pediu para sair do cargo um dia antes a publicação do relatório e se negou a assinar o relatório, critica também o caráter de suposição do relatório através do uso de palavras como “talvez”, “aparente”, “possível” entre outras e usa isso como justificativa para argumentar que ele já estava pronto antes da viagem, também menciona as poucas entrevistas no relatório e nenhuma de pessoas de Xinjiang, relembra o apoio de países muçumanos a narrativa do governo Chinês e que a opinião dos diplomatas desses países não é citada no relatório, também critica as duas instituições de pesquisa que foram usadas com fontes por suas ligações com o ocidente, por fim ele chama o relatório de arma política dos Estados Unidos para desestabilizar a China no espaço internacional, mais uma vez o vídeo não tem fontes sem fontes, nem mesmo o link do relatório da ONU, apenas algumas imagens durante o vídeo (TV Grabois, 2022).

#### 4.2 BBC NEWS BRASIL – “O CENTRO RADICAL”

A BBC News Brasil é uma ramificação do canal de notícias britânico BBC News, que por sua vez também é uma ramificação da corporação pública de rádio e televisão *British Broadcasting Company*, ou Companhia de Radiodifusão Britânica, fundada em 1922 no Reino Unido e cujo o nome seria modificado em 1926 para *British Broadcasting Corporation*, ou Corporação de Radiodifusão Britânica, e que dá origem a famosa sigla BBC, a BBC News é o

departamento da corporação responsável pela produção de seus programas de notícias, tanto para a televisão como para a rádio e internet, a BBC News Brasil por sua vez foi fundada em 1938, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial e como parte de um processo de expansão iniciado ainda em 1932 através do Império Britânico, o objetivo da companhia na época era expandir e combater a influência de outras ideologias e potências como o nazismo alemão, o fascismo italiano e o comunismo da União Soviética, a ramificação serve como provedor mundial de notícias em português da empresa, o canal brasileiro no youtube por sua vez foi aberto em 6 de julho de 2007 e conta com 3,4 milhões de inscritos, 6,7 mil vídeos e 868.468.476 visualizações. A BBC News Brasil é semiautônoma e opera praticamente independente do governo britânico apesar de ser financiado por ele, foi escolhido pela sua boa reputação de neutralidade e objetividade tanto dentro quando fora das ilhas britânicas, apesar de ser acusada em determinados momentos de defender políticas mais liberais e discursos em favor do Reino Unido.

O primeiro vídeo do canal a ser analisado foi “Até que ponto a China é realmente Comunista?”, de 6 minutos e 26 segundos, publicado dia 2 de outubro de 2019 e contando com 843.682 visualizações. Ele apresenta de forma bem direta um breve resumo da história da China até o fim do governo Deng, dando ênfase a alguns pontos da governança de Mao e da ideologia marxista que seriam abandonados por seu eventual sucessor, na verdade é no período Deng Xiaoping que o vídeo passa mais tempo. O vídeo descreve o socialismo com características chinesas, como a união das velhas estruturas políticas socialistas na administração do país com um ideal mais pragmático e liberal na economia, e reitera que esse é o sistema político em vigor no país, subsequentemente defende que a China é hoje muito mais capitalista do que comunista, mas faz um adendo, apesar da liberalização econômica, da descentralização do poder e o retorno da propriedade privada instituídos por Deng o governo ainda tem um enorme importância no planejamento da economia, a propriedade da terra segue sob controle do estado e empresas privadas tem que se submeter a inspeções estatais e aceitar membros do partido dentro das empresas, também menciona que a desigualdade disparou no país após as reformas e que a escola já foi pública agora não é mais, salvo a exceção do ensino superior Por fim retorna a questão do título e lembra que a China ainda é governada por um partido comunista sem oposição, mesmo que só em nome, e que esse fator também contribui para a identificação do país como comunista. O vídeo apresenta uma fonte quando menciona o número de pessoas que saíram da pobreza extrema e algumas outras informações importantes ao fim do vídeo, possui também muitas imagens e vídeos históricos da história chinesa como plano de fundo (BBC News Brasil, 2019).

O segundo vídeo é intitulado “China: de país pobre a superpotência | 21 notícias que marcaram o século 21”, com 17 minutos e 44 segundos de duração, publicado no dia 25 de junho de 2022 e contendo 989.181 visualizações. Ele é parte de uma série de vídeos do canal denominada “21 notícias que marcaram o século 21” e faz um gigantesco resumo da história Chinesa desde 1930 até os dias atuais, o foco novamente é dos anos 1976 em diante com as reformas de Deng, mas entrando em bem mais detalhes que o vídeo anterior, menciona a entrada da China para a Organização Mundial do Comercio em 2001, o êxodo de pessoas do campo para as cidades e a modernização das mesmas, trazendo como exemplo desse fenômeno a gigantesca rede ferroviária de trens de alta velocidade, em determinados momentos define o sistema econômico do país como “capitalismo chinês”, um termo novo nesse trabalho, traz também, com a respectiva fonte, denúncias de péssimas condições de trabalho além de lembrar que a China é hoje o maior poluidor de gases de efeito estufa do mundo, menciona as olimpíadas de 2008 e acusa o país de utilizar o evento como forma de combater essas críticas, traz também o terremoto de na província de Sichuan que em maio de 2008 que deixou cerca de 69 mil mortos e cujo as informações só foram trazidas a público internacional por que um dos arquitetos de um dos estádios das olimpíadas, Ai Weiwei, responsável pelo desenho do Estádio Nacional de Pequim, também conhecido como Ninho de Pássaro, vazou essas informações e foi censurado pelo governo chinês por isso, tendo seu estúdio demolido e sendo preso por um tempo até conseguir migrar para Europa, introduz a crescente influência da política chinesa em vários países no mundo mas dando ênfase a relação com o Brasil e acrescenta que essa “interferência” também fomentou uma rivalidade com os Estados Unidos, aqui o vídeo dá um breve resumo da história das relações sino-americanas que culmina com os mercados americanos soterrados pelos produtos baratos chineses, quase que literalmente “roubando” empregos americanos, discurso que foi defendido por Donald Trump ainda em campanha para a presidência americana e depois virou política de estado na forma de tarifas a produtos chineses, além de acusar a empresa Huawei de espionagem e culpar a pandemia do Coronavírus na China, seu sucessor, Joe Biden, de forma geral manteve a posição do governo anterior com relação ao gigante asiático. Mais uma vez o vídeo é recheado de imagens e vídeos históricos, até mais que o anterior, nesse caso elas possuem fontes, mais uma vez o fim do vídeo conta com outras informações, mas pouco e nada na descrição do vídeo (BBC News Brasil, 2022).

O terceiro vídeo é denominado “Vídeos degradantes de crianças africanas viram entretenimento na China” com 8 minutos e 46 segundos, publicado 14 de junho de 2022 e com 1.074.506 visualizações. Esse vídeo busca encontrar informações sobre uma onda de

vídeos racistas envolvendo pessoas, e especialmente crianças negras dizendo frases degradantes sobre si mesmas em aplicativos chineses. De acordo com o vídeo virou uma febre dentro da internet chinesa mandar vídeos comemorativos personalizados, e por alguma razão, vídeos com pessoas africanas se tornaram especialmente populares, geralmente esses vídeos são inocentes, mas alguns eram extremamente racistas e parte de uma indústria de humilhação bem maior, os jornalistas da BBC News Brasil encontraram a região onde esses vídeos foram filmados e enviaram repórteres para investigar e encontrar tanto as vítimas quanto os culpados pela criação desses vídeos, o vídeo é um recorte traduzido para o português de um documentário muito maior denominado *racism for sale*, ou racismo a venda, feito pela BBC News África, ele não possui fontes nem no fim do vídeo nem na descrição mas é muito mais auto explicativo que os outros afinal se trata de uma investigação de uma denúncia e as informações e suas origens são geralmente apresentadas durante o vídeo (BBC News Brasil, 2022).

O quarto vídeo é “O que faz a China manter estratégia de zero Covid” com 5 minutos e 44 segundos, publicado 5 de maio de 2022 e contém 136.892 visualizações. Ele foi divulgado durante o fim dos lockdowns de Covid-19 no mundo, resultado das altas taxas de vacinação, e início da onda da variante Omicron. Os jornalistas aqui se perguntam o porquê da insistência do governo chinês em manter uma estratégia tão rigorosa naquele momento, inicialmente lembram que essas políticas deram bons resultados no início da pandemia e salvaram milhares de vidas, trazendo para corroborar essa afirmação os dados sobre o número de mortes durante a pandemia na China reportados pelo governo comunista, que é de entre 5 mil e 14 mil, apesar da ONU alertar sobre risco de subnotificação, esse número porém tem sido usado pelo governo chinês para mostrar a superioridade da sua administração sobre o sistema ocidental e que seria um problema se ele falhasse justificando o comportamento do partido, menciona a possível incapacidade dos hospitais chineses de suportar um grande número de pessoas adoecendo ao mesmo tempo e trazendo também dados que dizem que boa parte dos idosos, os mais vulneráveis, ainda não tinham se vacinado com as doses de reforço, lembra também que o custo desta estratégia, tanto econômico quanto social estava ficando muito alto, e seus impactos já estão sendo sentidos pelo mundo, comenta as postagens mostrando chineses protestando contra os *lockdowns* e alega que eles ocorreram em tal quantidade que passaram pela censura chinesa e por fim relembra a data das próximas eleições na China onde Xi Jinping poderia ser eleito a um inédito terceiro mandato, dando a entender que sob ele a política de Covid-Zero não iria acabar tão cedo, mais uma vez possui

algumas informações ao final do vídeo mas nada na descrição, e as informações do final também deixam a desejar (BBC News Brasil, 2022).

O quinto vídeo a ser analisado foi “Documentos revelam detalhes de uigures detidos pela China” de 3 minutos e 33 segundos, foi publicado em 6 de junho de 2022 e conta com 140.823 visualizações. O vídeo traz à tona novos documentos e imagens sobre a detenção de uigures na China, ele inicia com a perspectiva do governo chinês sobre o assunto e lembra que o próprio governo trouxe jornalistas para fazer tours na região, subsequentemente traz o pesquisador Adrian Zenz, especialista em estudos uigures e criticado anteriormente por Elias, e os documentos que lhe foram enviados por uma fonte anônima que acreditam-se serem *hackeados* da polícia de Xinjiang, contendo 3 mil fotos de detidos cujo as idades variam entre 75 e 15 anos de idade, além das razões de suas prisões, a emissora também comprovou durante o vídeo a veracidade dos documentos ao localizar e entrevistar familiares dos detidos fora da China, membros da diáspora uigur, um desses familiares sabia da prisão de seu filho mais velho mas não o tempo nem a justificativa, ele foi condenado a 15 anos de prisão por “terrorismo”, mas o documento cita apenas a fé islâmica dele como prova do crime, a BBC entrou em contato com a embaixada Chinesa nos Estados Unidos que fez um pronunciamento onde não menciona os documentos e apenas diz que o governo fez o que era necessário para manter a paz na região, similar ao vídeo “Vídeos degradantes de crianças africanas viram entretenimento na China” ele também trata de uma investigação de uma denúncia (BBC News Brasil, 2022).

#### 4.3 VISÃO LIBERTÁRIA – “A DIREITA LIBERTÁRIA”

O canal Visão Libertária foi fundado em 17 de setembro de 2016, sob o nome de ANCAP.SU e renomeado em 2020, por Ricardo Albuquerque Pinto sob o pseudônimo de Peter Turguniev, que é formado em Engenharia, Advocacia e especialista em Segurança no desenvolvimento de software, ele também fundou diversos outros canais cujo o objetivo é a difusão de ideias libertárias e anarcocapitalistas, tanto no youtube quanto em outras plataformas, como o ANCAPSU, Safesrc, Diários da Quarentena, ANCAPSU Classic, Ancapsu Entrevista, Opinion Free Market e outros. Peter escolheu atuar sob um pseudônimo porque acreditava que sua orientação política e o fato que se tornaria uma figura pública pudesse lhe trazer consequências profissionais como advogado. O canal conta com 445 mil inscritos, 1,7 mil vídeos e um total de 82.357.474 visualizações. Dentre os três, o Visão



Libertária é o canal que se fixa mais devidamente em sua posição na bússola política, os outros dois podem variar um pouco, mas como anarcocapitalista esse canal defende a inexistência do estado e, dessa forma, a ausência total de interferência do mesmo sobre a economia e vida pessoal do indivíduo.

O primeiro vídeo analisado é intitulado “Os Delírios de Mao: Fome na China Comunista”, com 14 minutos e 36 segundos de duração, publicado 5 de dezembro de 2022 e contando com 20.513 visualizações. Ele expõe a grande fome da China enquanto ao mesmo tempo interpreta essa parte da história chinesa de um ponto de vista anarcocapitalista, durante o vídeo é defendido que a grande fome foi causada pela aplicação das políticas defendidas por Marx e Engels e critica o “esquecimento” por parte de “professores esquerdistas” ao trazer essa parte da história para as salas de aula. Continua mencionando as várias biografias de Mao e suas diferenças e explica que existem várias narrativas sobre sua vida pois muitos biógrafos e historiadores podem ter sido coagidos pelo líder e difundir a narrativa que ele desejava, menciona que Mao preferiu uma revolução de cunho camponês ao invés da industrial soviética, defende que o Grande Salto para a Frente foi uma tentativa de reorganizar a economia e que Mao obrigou os camponeses a deixar os campos para trabalhar em fornalhas, o que exacerbou a fome a tal ponto que as pessoas necessitam tomar ações extremas para sobreviver como o canibalismo, subseqüentemente entra no período da revolução cultural e a identifica como uma lavagem cerebral em massa com o objetivo de transformar a China de um regime autoritário para um regime totalitário. Culpa especialmente a Campanha das Quatro Pragas pela fome, uma campanha incitada por Mao para se livrar de quatro pestes que assolavam a China: os ratos, as moscas, os mosquitos e os pardais, durante o Grande Salto Adiante, os pardais se tornaram alvos porque comiam as sementes de grãos, mas eles também comiam insetos e outras pragas que eram infinitamente piores que eles para as plantações e sua caça, até quase a extinção exacerbou a Grande Fome. Durante o vídeo é sugerido os livros *A Grande Fome* de Mao por Frank Dikötter e *Tombstone* de Yang Jisheng. Por fim, ele cita o economista Friedrich Hayek cujo a pesquisa defende a incapacidade de um ditador ou governo de planejar toda a economia, uma vez que a economia é feita por todos que participam dela, não importando o quão bem-intencionado. O vídeo apresenta imagens históricas ao fundo e caricaturas, porém não na mesma qualidade que a BBC News Brasil (Visão Libertária, 2022).

O segundo vídeo se denomina “A Economia da China: a tragédia do comunismo”, com 11 minutos e 33 segundos, publicado em 24 de março de 2021 e contando com 96.454 visualizações. Ele começa lembrando o quão pobre a China era durante o governo de Mao e

quão rica ela se tornou nos dias atuais, explicando nesse vídeo, que é o primeiro de duas partes, como a China se tornou pobre em primeiro lugar. Instaure já nos primeiros momentos que o país não só já foi o mais rico do mundo, sendo apenas recentemente e brevemente ultrapassado pelo Império Britânico e pelos Estados Unidos pós revolução industrial, como também era o mais rico disparado por milênios e justifica esse sucesso econômico ao livre mercado, uma vez que, apesar de o imperador ser uma figura divina, ele não intervia muito nas relações comerciais entre seus súditos, também atribui ao livre mercado o caráter inovador da população chinesa, que durante as monarquias desenvolveram várias invenções que utilizamos até hoje, como papel, dinheiro, cimento e pólvora, por fim, mais uma vez atribui ao livre mercado a estabilidade na região, argumentando que a guerra era menos comum na Ásia pois não beneficiaria uma economia tão interligada como era entre os países daquele continente. Menciona que a situação muda com a revolução industrial, especialmente a segunda, pois a produtividade de um indivíduo é amplificada exponencialmente, tornando a enorme população chinesa irrelevante, já que um britânico com uma máquina podia produzir o mesmo que dez mil chineses só com as mãos, essa diferença em produção também pode ser vista na segunda guerra mundial, quando os japoneses, apesar de numericamente inferiores, quase conquistaram a China com o uso de tanques e aviões modernos. Por fim, o vídeo faz um resumo das políticas Mao e de como elas transformaram a China em um país pobre trazendo novamente o Grande Salto Adiante como exemplo. Mais uma vez o vídeo estava recheado de imagens históricas e caricaturas, esse também foi o primeiro vídeo assistido para esse trabalho contendo fontes e links na descrição (Visão Libertária, 2021).

O terceiro é “A Economia da China: o crescimento do livre mercado”, de 11 minutos e 59 segundos, 25 de março de 2021 e contando com 59.038 visualizações. É a segunda parte do vídeo anterior e explora como a China saiu da pobreza que as políticas socialistas criaram. Inicia-se apresentando as mudanças ocorridas na China de Mao para a China de Deng como a recompensa por trabalho duro, a descentralização da economia e o abandono das ideias de autossuficiência e isolamento econômico, sendo comida uma das primeiras coisas que o país precisou importar, para pagar o governo se utilizou da mão de obra barata e em abundância do povo chinês. Menciona que esse processo de liberalização melhorou muito a qualidade de vida das pessoas, mas que quem mais lucrou foram os oficiais do governo e que a prosperidade atual no país se deu principalmente pelas empresas estrangeiras, uma vez que elas têm mais liberdade para agir, citando o caso do desaparecimento de Jack Ma como exemplo de interferência e controle estatal na economia, para os autores do vídeo a China não é rica por causa do Partido Comunista Chinês, mas apesar dele. Subsequentemente menciona

o Coronavírus, as políticas de contenção da pandemia introduzidas pelo governo e seus impactos na economia do país, especialmente ao piorar a Armadilha da Renda Média, o que retira o incentivo que as empresas do mundo tinham para abrir fábricas na China, os autores argumentam que a Nova Rota da Seda foi criada para combater esse problema, emprestando dinheiro para outros países construírem infraestrutura mas obrigando que eles contratem exclusivamente empresas chinesas. De forma geral o vídeo coloca a lenta e gradual liberalização da economia como o fator determinante para a China chegar onde está, mais uma vez tem links na descrição (Visão Libertária, 2021).

O quarto vídeo é “O massacre da praça da paz celestial não existiu para a china”, com 14 minutos e 9 segundos, é uma “repostagem” de um vídeo publicado originalmente dia 4 de junho de 2020 e republicado 5 de dezembro de 2020, contando com 21.389 visualizações. Ele apresenta os acontecidos durante o Massacre da Praça da Paz Celestial enquanto promove a sua interpretação de alguns fatos, inicialmente defende uma narrativa onde a polícia foi capaz de dispersar os manifestantes e que, enquanto saíam da praça e de volta para as universidades, foram fuzilados e atropelados, o vídeo traz muitas imagens e vídeos do acontecido além de outros eventos históricos que precederam o massacre.

Há um retorno aqui as bases do marxismo e suas ideias, menciona que no início do século XX o marxismo estava na moda mas uma revolução proletária parecia cada vez mais improvável de ocorrer nos países mais industrializados, portanto a ideia de implantar o comunismo a força ganhava tração na comunidade intelectual, essa ideia também acreditava que na ausência de diferenças criadas pelo materialismo histórico e da mais-valia as pessoas compartilhariam os fatores de produção de forma espontânea e que se o governo tomasse a força todos os meios de produção, as terras e a mais-valia, ou em outras palavras, centralizasse tudo, o comunismo surgiria naturalmente, tendo isso em mente ele retorna a narrativa para China e traz O Grande Salto Adiante, a Campanha das Quatro Pragas e a Revolução Cultural como exemplo da incapacidade estatal de governar, colocando Deng como sendo a única razão pelo qual o governo comunista não colapsou, primeiramente por suas políticas econômicas mas também pela repressão dos protestos de 1989, finaliza mencionando que todo 4 de junho a praça é fechada e que o massacre marcou a China como um país com liberdade econômica mas sem liberdades civis finalizando o vídeo com a notícia que pela primeira vez desde 1999 não haverá a vigília em homenagem às vítimas do massacre em Hong Kong (Visão Libertária, 2020).

O quinto e último vídeo do canal a ser analisado é “China mantém campos de concentração para muçulmanos uyghurs”, com 8 minutos e 2 segundos, publicado 8 de

dezembro de 2020 e contendo 24.672 visualizações. É um comentário do autor sobre um vídeo, que até então era inédito, de supostos prisioneiros uigures sendo levados em trens até uma prisão, todos algemados e vendados, se assemelhando muito a imagens de campos de concentração nazistas onde a movimentação de prisioneiros também era feita dessa forma e cujo a história é explicada brevemente e até equiparada a situação na província, esses campos em Xinjiang também são equiparados aos gulags soviéticos, fazendo assim uma relação entre regimes autoritários e prisões arbitrárias, não necessariamente entre socialismo e nazismo, mas identificando que cada ideologia tinha sua razão para incitar seu genocídio, para os nazistas a justificativa era étnica, para os socialistas, ideológica. Na sequência Peter traz um breve resumo da história da região e dos uigures além de apresentar o contexto geopolítico da região localizada no centro do continente asiático, servindo de ponte entre a China e a Ásia central além de ser rica em recursos naturais. Subsequentemente traz uma notícia do The New York Times que expôs mais de 400 páginas de documentos do governo chinês detalhando às operações em Xinjiang, menciona os jornalistas que foram na região chamados pelo governo comunista, mas também lembra que essas foram visitas guiadas e provavelmente parte de uma grande encenação, sem dar aos jornalistas a liberdade de investigar ou até mesmo andar desacompanhados. Por fim o autor apresenta sua análise do vídeo em si, mencionando a falta de ação por parte de países muçumanos devido à importância econômica da China, e defendendo a ideia que sempre um país que tentar impor uma visão de planejamento central em qualquer área da administração do estado eles acabam se tornando regimes autoritários (Visão Libertária, 2020).

#### 4.4 COMPARAÇÃO E ANÁLISE

Primeiramente é surpreendente ver que nenhum dos canais proferiu mentiras sobre a China, um fato que se esperava antes do trabalho, a única informação incorreta encontrada foi no vídeo “Os Delírios de Mao: Fome na China Comunista” onde é mencionado que Mao “obrigou” as pessoas a sair do campo para trabalhar nas indústrias, o que aconteceu foi uma interpretação dos eventos históricos por parte dos canais Visão Libertária e TV Grabois com base em suas ideologias e uma surpreendente tentativa de neutralidade por parte do BBC News Brasil em informar, apesar deste também parecer um pouco enviesado em alguns momentos, também é interessante notar que a interpretação de alguns eventos na história chinesa são os mesmos independentemente da ideologia, por exemplo todos os três canais

atribuem a Mao a reinterpretação de como uma revolta socialista deveria ser conduzida na China, que no país ela deveria se levada a cabo pelos camponeses e não pelos proletários e que isso foi determinante na sua vitória, eles também concordam que os protestos na Praça da Paz Celestial foram um ponto determinante na história do partido comunista e que se não tivesse sido silenciado teria trazido o fim do governo comunista sob a China, apesar da BBC News Brasil e o Visão Libertária se referirem ao episódio como protestos pacíficos e o TV Grabois como uma rebelião contrarrevolucionária.

Considerando a estrutura e edição do vídeos pode-se notar uma diferença de duração entre os vídeos de cada canal, os da BBC News Brasil são em média bem mais curtos do que os outros, uma característica muito importante em uma época em que as pessoas tem cada vez menos tempo e que pode ser atrelada a sua maior popularidade, outro ponto é a apresentação, ambos o BBC News Brasil e o Visão Libertária tem muitas imagens ilustrativas e vídeos históricos passando ao fundo enquanto o TV Grabois é feito em forma de vlog, um método que foi bajulado anteriormente como o precursor da fama do Youtube mas que parece desagregar valor em um discurso mais informativo, pouquíssimas fontes foram encontradas nos vídeos, certamente muito menos do que se esperava desse tipo de canal, o que infelizmente parece ser uma situação recorrente em canais de informação, em alguns vídeos aparecia um link na descrição ou livros eram mencionados durante o vídeo mas muito menos do que seria necessário, alguns nem tinham referência alguma, pode-se dar uma colher de chá para o canal Visão Libertaria que parece ser o canal mais amador, com menos financiamento e pouca experiência envolvendo o tema “China”, mas a BBC News Brasil é um gigantesco canal de notícias, braço de um outro canal ainda maior, e o TV Grabois conta com Elias Jabbour, que é considerado por muitos um dos se não o maior especialista em China no Brasil da atualidade, esperava-se um maior rigor científico desses canais, continuando nesse tema o BBC News Brasil é obviamente o canal com mais recursos, suas produções são as mais bem editadas e apresentadas, é fácil assistir e absorver o tema a ser explicado, subsequentemente vem o Visão Libertaria que parece mais simples mais ainda assim com uma boa qualidade de edição e uma narração de fácil, apesar de não tão fácil quanto o canal anterior, e por fim o TV Grabois, seu formato de vlog acaba tornado o canal genérico, passando uma imagem de um trabalho amador e mal feito, isso pode ter sido feito de proposito considerando a fama do modelo vlog na plataforma na tentativa de buscar uma maior audiência mas em virtude de sua identificação como canal de informação o efeito acaba por ser o oposto do desejado, ele também possui o discurso mais difícil de se interpretar, sendo o único canal em que os vídeos tiveram de ser assistidos mais de uma vez e por momentos lembrando uma aula de faculdade,

isso não é um problema exatamente, mas certamente contribui para o TV Grabois ser o canal menos popular dentre os três, a área de atuação dos produtores é outro fator interessante, temos um advogado administrando o Visão Libertária, um geografo e pesquisador no TV Grabois e uma serie de jornalistas no BBC News Brasil o que tambem influencia na hora de agregar ou não valor ao tema em questão, surpreendentemente a profissão de jornalista, assim como a de pesquisador acadêmico, não ajudam a valorizar o discurso no Youtube nos dias atuais, pelo contrário, eles parecem ter o efeito oposto, cada vez mais tem se espalhado uma ideia, comumente definida como uma teoria da conspiração, de uma conversão cultural dentro das instituições políticas, acadêmicas e midiáticas ocidentais denominada de marxismo cultural, mais especificamente que os ideais que trouxeram essas instituições para a posição de confiança em que elas se encontram hoje, como objetivismo e neutralidade, foi substituído por subjetividade e ativismo político e que desta forma o seus membros perderam a autoridade do tema que abordam e a confiança da população em geral, esse é um tema muito interessante a ser pesquisado mas aqui será deixado vago propositalmente já que esse não é o objetivo do trabalho, o importante a se lembrar aqui é que nesse quesito a ocupação dos jornalistas da BBC News Brasil assim como a de Elias são prejudiciais para a defesa de seus argumentos e o alcance de seus canais, o caso de Elias é um pouco mais complicado por ser membro do partido comunista, laureado pelo governo chinês com o prêmio *Special Book Award of China* e agora tambem membro do banco do BRICS, o que traz um ar de parcialidade a seu discurso, como mencionado anteriormente em determinados momentos os discursos parecem ser incompatíveis entre eles, mas isso geralmente ocorreu em pontos específicos cujo as informações são incertas ou não existentes, como o Massacre da Praça da Paz Celestial por exemplo, isso não foi considerado uma mentira por parte dos produtores de conteúdo neste trabalho justamente pela opacidade do evento e o quão recente ele é, quando o tema é mais constante e bem embasado na esfera acadêmica, como a Grande Fome Chinesa, não havia negação do ocorrido, mas havia interpretações diferentes das causas e culpados.

Mas talvez o ponto mais interessante do trabalho seja o perigo que ele trouxe à tona, como mencionado anteriormente nenhum dos canais falou mentiras, todos, quando explicando a história da china, tinham seus discursos praticamente idênticos, mudando apenas a interpretação dos acontecimentos, porem nenhum deles se preocupou em explicar o conteúdo alheio, eles se prenderam dentro dos acontecimentos que corroboravam a suas narrativas e ignoravam o resto, a esse fenômeno foi dado o nome de “Meias Verdades”, que parece ser um fenômeno muito pior do que as notícias falsas, ou *Fake News* como estamos acostumados a chamar, uma vez que não se manipula o observador com informações falsas, mas com

informações verdadeiras cuidadosamente selecionadas, propositalmente ou não, para corroborar a narrativa em questão, como exemplo podemos citar a situação curiosa de Michelle Bachelet durante a publicação do relatório sobre abusos de direitos humanos nos campos de concentração em Xinjiang no vídeo “Relatório da ONU sobre Xinjiang: Existe um “genocídio” na China? ” do TV Grabois que não foi trazida pelos outros canais e dessa mesma forma podemos mencionar os documentos e imagens trazidos pela BBC News no vídeo “Documentos revelam detalhes de uigures detidos pela China” e pelo Visão Libertária no vídeo “China mantém campos de concentração para muçulmanos uyghurs” que também não foram mencionados por Elias, provavelmente a ausência desses pontos pode ser explicada pelo fato que eles rompem com o discurso apresentado por cada canal e demonstra que todos os três canais compactuam com essa atitude, apesar que o Visão Libertária e o TV Grabois fazem isso de forma bem mais intensa, provavelmente em virtude de que seus canais se preocupem não somente em apresentar os fatos como também em interpreta-los, além disso, esse problema é potencializado pela forma com que as redes sócias se organizam atualmente, como foi mencionado anteriormente os algoritmos têm a tendência de dispersar conteúdos falsos, radicais ou extremistas, porém eles também tem um efeito secundário, a criação de bolhas dentro da rede, onde indivíduos são agrupados com base em seu histórico de pesquisas, dos temas de seus vídeos, dos seus *likes* e *dislikes*, alienando e dividindo as pessoas dentro da plataforma.

Apesar de criticar a forma como os produtores de conteúdo retratam apenas uma parte da verdade e de como as redes sociais se organizam, acredita-se que a solução para esse problema não se encontre ao demandar dos produtores um conteúdo mais completo nem na reformulação dos sites de interação social, apesar de que essas críticas sejam totalmente válidas e provavelmente trariam resultados positivos, mas ao reeducar as pessoas como agir nas redes sociais, ou nesse caso em especial, no Youtube, afinal a internet é muito jovem, e a plataforma mais ainda, portanto a relação entre nós e as redes ainda está sendo construída e suas conquistas e desafios recém começaram a se manifestar. O primeiro ponto a se ter em mente é ter a noção que o algoritmo das redes sociais hoje trabalham nesse modelo de agrupamento por interesses comuns e que quem utiliza tal sites, cujo o principal produto a ser comercializado são as relações interpessoais humanas, está sujeito a ser agrupado em bolhas, sem exceções, o segundo ponto, e mais importante, é se desafiar a furar essas bolhas propositalmente e consumir conteúdo de grupos e pessoas cujo as posições políticas não se alinham as próprias, afinal, por mais que as redes sociais escolham o que será recomendado o indivíduo ainda possui a liberdade de escolher se vai consumir esse conteúdo ou não, essa

sugestão pode ser considerada perigosa já que pode incentivar a exposição desses indivíduos a notícias falsas, desinformação, negacionismo e manipulação porém a impressão que se chega ao fim da pesquisa é que foi possível uma perspectiva muito mais ampla sobre os temas discutidos ao assistir os vídeos dos três canais do que se fosse assistido apenas um, mesmo que algumas opiniões e interpretações da história chinesa feita pelos canais nem sempre corroborasse com o consenso acadêmico, até porque o valor de assistir vários relatos de um mesmo tema não está apenas em ouvir a diferente interpretação dos locutores sobre um mesmo assunto mas também na possibilidade de ser exposto a novos dados e fatos concretos sobre o assunto, em especial aqueles que foram esquecidos ou ignorados de propósito porque não validavam a opinião do locutor.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet é possivelmente uma das mais importantes invenções humanas se não a maior, ela mudou praticamente toda a nossa forma de interagir com o mundo, desde nossas relações interpessoais até o gerenciamento de governos, e obviamente também mudou como criamos e disseminamos informações, não é difícil de imaginar que quando Hurley, Chen e Karim desenvolveram o Youtube eles não tinham ideia o que ele se tornaria ou o potencial que possuía, muito menos que se tornaria um ambiente de estudo e pesquisa, hoje não é incomum encontrar canais na plataforma, que já foi inundada de vídeos de gatinhos e vlogs, que se voltam para a disseminação de informações e fazem isso muito bem, até mesmo quando essa informação é falsa, felizmente esse não foi um problema encontrado nessa pesquisa, os eventos históricos se matinha através dos discursos, mas outra descoberta inusitada foi.

O objetivo desta pesquisa era analisar e comparar as diferentes interpretações da China contemporânea publicada por diferentes produtores de conteúdo no youtube e se esperava encontrar um discurso que apresentasse a verdadeira China, mas o mais próximo que se chegou dessa expectativa, se é que ela era possível, foi ao consumir o que foi produzido por todos esses canais, nenhum deles sozinho teria sido capaz disso e ainda assim parece haver mais conteúdo a ser consumido que só ampliaria ainda mais, canais em outras línguas, canais de jornalistas independentes, canais de chineses ou estrangeiros vivendo na China e muitos outros. Não se esperava porém que os discursos fossem ser tão similares quanto aos acontecimentos nem que poderiam ser tão diferentes em suas interpretações deles, talvez no final do dia cada pessoa veja o mundo através das lentes de sua própria ideologia, o que leva a questionar o quão longe uma interpretação de um evento histórico pode ir sem se tornar inconciliável com outras interpretações, ou melhor, sem se tornar negacionismo.

Porém, é provável que a mais importante descoberta desse trabalho seja a evidenciação do fenômeno narrativo de “Meias Verdades” nos vídeos do Youtube, um fenômeno que não era parte do objetivo do projeto de pesquisa mas que é inerente no discurso de todos os canais, apesar de que em diferente grau dependendo do canal, o que leva a crer que é derivado do costume de ver o mundo sob nossas próprias ideologias mencionado anteriormente, ter uma ideologia e fazer dela a inspiração para pesquisar e produzir conteúdo não é um problema, mas a produção de um conteúdo intelectualmente honesto requer flexibilidade com o que é encontrado, em outras palavras, o produtor deveria deixar sua

ideologia se moldar aos fatos ao invés moldar os fatos a sua ideologia, essa ignorância proposital de evidências contradizem com a busca pela verdade.

De forma geral, apesar das críticas na forma que o site separa as pessoas e a forma com que os produtores de conteúdo apresentam seus temas, acredita-se fielmente que mudar o comportamento do usuário traria um maior impacto no combate desse fenômeno, reconhecendo a forma que os sites de interação social se organizam e agindo da maneira adequada, furando sua própria bolha e escapando da alienação promovida pelos algoritmos, isso porém não descredita as outras críticas, afinal o os usuários podem pressionar o site por mudanças na forma como lida com essas bolhas e outros Youtubers podem combater as “Meias Verdades” ao fazer vídeos respostas e deixar críticas nos comentários dos vídeos, todas essas propostas não se anulam ou contradizem, mas o pensamento crítico do usuário ainda é o fator determinante quanto se trata em frear esse fenômeno. Da mesma forma que era impossível prever o que o Youtube se tornaria hoje lá em 2005, também é impossível prever seu futuro daqui em diante, a única certeza que se pode ter é que, com a popularidade construída pelo Youtube, o futuro da disseminação de informação é audiovisual e pela internet, portanto todos precisam estar a par de seu funcionamento e seus “costumes” para poder engajar nesse meio com segurança.

## REFERÊNCIAS

AMNESTY INTERNATIONAL. The crackdown on Falun Gong and other so-called "heretical organizations". 23 mar. 2000. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/documents/asa17/011/2000/en/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ALBERT, Melissa. Xi Jinping. *In: Encyclopedia Britannica*, 26 mai. 2010. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Xi-Jinping>. Acesso em: 25 jun. 2023.

BBC Brasil nasceu em 1938 com notícia sobre Hitler. **BBC News Brasil**, 20 jan. 2009. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/institutional/090120\\_expediente\\_tc2](https://www.bbc.com/portuguese/institutional/090120_expediente_tc2). Acesso em: 07 set. 2023.

BBC News Brasil. **Youtube**, Sobre. Disponível em: <https://www.youtube.com/@BBCNewsBrasil/about>. Acesso em: 07 set. 2023.

BBC News Brasil. Documentos revelam detalhes de uigures detidos pela China. **Youtube**, 6 jun. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=y-T5DSt7b\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=y-T5DSt7b_4). Acesso em: 07 set. 2023.

BBC News Brasil. Vídeos degradantes de crianças africanas viram entretenimento na China. **Youtube**, 14 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=41sBSAYAR48>. Acesso em: 07 set. 2023.

BODEEN, Christopher. China's Xi Jinping gets expanded mandate, may rule for life. **Associated Press News**, Beijing, 11 mar. 2018. Disponível em: <https://apnews.com/article/ap-top-news-constitutional-amendments-international-news-china-xi-jinping-ce543a468e3c4f27b7963a0e0579689b>. Acesso em: 25 jun. 2023.

BRITTENDEN, Wayne. **The Political Compass**. 20 dez. 2001. Disponível em: <https://politicalcompass.org/about>. Acesso em: 05 set. 2023.

BRISTOW, Michael. China defends internet censorship. **BBC News**, 8 jun. 2010. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/8727647.stm>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BURGESS, Jean, GREEN Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**. 1.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

CHARTING China's 'great purge' under Xi. **BBC News**, 23 out. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-41670162>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CHINA Covid: How many cases and deaths are there. **BBC News**, 16 jan. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/59882774>. Acesso em: 22 jun. 2023.

CHINA cuts Uighur births with IUDs, abortion, sterilization. **Associated Press News**, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://apnews.com/article/269b3de1af34e17c1941a514f78d764c>. Acesso em: 22 jun. 2023.

CHINA re-connects: joining a deep-rooted past to a new world order. **Jesus Cambridge College**, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://www.jesus.cam.ac.uk/articles/china-re-connects-joining-deep-rooted-past-new-world-order>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CHINA'S 'Super Vulgar Butcher' activist Wu Gan gets eight years. **BBC News**, 26 dez. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-42482916>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CHINA. [Constituição (1982)]. **Constituição do Partido Comunista da China**. ed. 2017. Disponível em: [http://www.xinhuanet.com/english/download/Constitution\\_of\\_the\\_Communist\\_Party\\_of\\_China.pdf](http://www.xinhuanet.com/english/download/Constitution_of_the_Communist_Party_of_China.pdf). Acesso em: 25 jun. 2023.

CHRONOLOGY of China's Belt and Road Initiative. **Xinhua**, Beijing, 28 mar. 2015. Disponível em: [http://english.www.gov.cn/news/top\\_news/2015/04/20/content\\_281475092566326.htm](http://english.www.gov.cn/news/top_news/2015/04/20/content_281475092566326.htm). Acesso em: 22 jun. 2023.

COOK, Sarah. Falun Gong: Religious Freedom in China. **Freedom House**, 2017. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/2017/battle-china-spirit-falun-gong-religious-freedom>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CORONAVÍRUS: China abre inquérito após morte de médico que fez alerta. **Agência Brasil**, Lisboa, 7 fev. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-02/coronavirus-china-abre-inquerito-apos-morte-de-medico-que-fez-alerta>. Acesso em: 22 jun. 2023.

DAEKWON, Son. Xi Jinping Thought Vs. Deng Xiaoping Theory. **The Diplomat**, 25 out, 2017. Disponível em: <https://thediplomat.com/2017/10/xi-jinping-thought-vs-deng-xiaoping-theory/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

DAVIDSON, Helen. Xi Jinping says 'persistence is victory' as Covid restrictions return to Shanghai and Beijing. **The Guardian**, Taipei, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/jun/10/xi-jinping-says-persistence-is-victory-as-covid-restrictions-return-to-shanghai-and-beijing>. Acesso em: 25 jun. 2023.

DESHENG, Cao. Xi: Dynamic zero-COVID policy works. **China Daily**, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://www.chinadaily.com.cn/a/202206/30/WS62bcd80ea310fd2b29e6962b.html>. Acesso em: 25 jun. 2023.

DORFMAN, Zach. The Disappeared: China's global kidnapping campaign has gone on for years. It may now be reaching inside U.S. borders. **Foreign Policy**, 29 mar. 2018. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2018/03/29/the-disappeared-china-renditions-kidnapping/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ELEGANT, Simon. In China, Hu is the Man to See. **TIME**, 04 out. 2007. Disponível em: <https://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,1668457,00.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FAISON, Seth. In Beijing: A Roar of Silent Protesters. **The New York Times**, 27 abr. 1999. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1999/04/27/world/in-beijing-a-roar-of-silent-protesters.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FIREWALL of Shame. **Global Internet Freedom Consortium**, 2008. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20150417034022/http://www.internetfreedom.org/Background.html#Firewall\\_of\\_Shame](https://web.archive.org/web/20150417034022/http://www.internetfreedom.org/Background.html#Firewall_of_Shame). Acesso em: 22 jun. 2023.

FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, nº 69, p. 45-63, jan. /abr. 2020.

FUNDAÇÃO Mauricio Grabois. 2 abr. 2008. Quem somos?. Disponível em: <https://grabois.org.br/fundacao-grabois/quem-somos/>. Acesso em: 05 set. 2023.

FUNDAÇÃO Mauricio Grabois. 8 abr. 2011. Estatuto da Fundação Mauricio Grabois. Disponível em: <https://grabois.org.br/2011/04/08/estatuto-da-fundao-mauricio-grabois/>. Acesso em: 05 set. 2023.

GRAHAM-HARRISON, Emma. Former Chinese president Jiang Zemin dies at 96. **The Guardian**, 30 nov. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/nov/30/jiang-zemin-former-chinese-president-dies-at-96>. Acesso em: 15 jun. 2023.

GRIFFITHS, James. Did Xi Jinping know about the coronavirus outbreak earlier than first suggested?. **CNN**, Hong Kong, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/02/17/asia/china-coronavirus-xi-jinping-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 22 jun. 2023.

GRIFFITHS, James. From cover-up to propaganda blitz: China's attempts to control the narrative on Xinjiang. **CNN**, Hong Kong, 17 abr. 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/04/16/china/beijing-xinjiang-uyghurs-propaganda-intl-hnk-dst/index.html>. Acesso em: 22 jun. 2023.

GRIFFITHS, James. Wuhan is the latest crisis to face China's Xi, and it's exposing major flaws in his model of control. **CNN**, Hong Kong, 24 jan. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/01/23/asia/wuhan-china-coronavirus-sars-response-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 22 jun. 2023.

HAAS, Benjamin. China moves to block internet VPNs from 2018. **The Guardian**, Hong Kong, 11 jul. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/jul/11/china-moves-to-block-internet-vpns-from-2018>. Acesso em: 20 jun. 2023.

HE, Laura. 'White paper' protests: China's top stationery supplier says it's still selling A4 sheets. **CNN Business**, Hong Kong, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2022/11/29/economy/china-white-paper-protests-stock-run-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 22 jun. 2023.

HISTORIADOR Libertário. Os DELÍRIOS de MAO: FOME na China COMUNISTA. **Youtube**, 5 dez. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8dmWRCz76pI>. Acesso em: 10 set. 2023.

HOFFMAN, Chris. How the “Great Firewall of China” Works to Censor China’s Internet. **How-To Geek**, 22 set. 2016. Disponível em: <https://www.howtogeek.com/162092/htg-explains-how-the-great-firewall-of-china-works/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

HORN, Sebastian; REINHART, Carmen M.; TREBESCH, Christoph. How Much Money Does the World Owe China?. **Harvard Business Review**, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://hbr.org/2020/02/how-much-money-does-the-world-owe-china>. Acesso em: 22 jun. 2023.

HUANG, Zheping. China’s most popular app is a propaganda tool teaching Xi Jinping Thought. **South China Morning Post**, 14 fev. 2019. Disponível em: <https://www.scmp.com/tech/apps-social/article/2186037/chinas-most-popular-app-propaganda-tool-teaching-xi-jinping-thought>. Acesso em: 25 jun. 2023.

HUMAN, Hendrik. Are VPNs Legal in China [All You Need to Know in 2023]. **Review42**, Home, Resources, 17 mar. 2023. Disponível em: <https://review42.com/resources/are-vpns-legal-in-china/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

HUMAN RIGHTS WATCH. China Uses "Rule of Law" to Justify Falun Gong Crackdown. 09 nov. 1999. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/1999/11/09/china-uses-rule-law-justify-falun-gong-crackdown>. Acesso em: 15 jun. 2023.

IDOETA, Paula Adamo. BBC News Brasil. O que faz a China manter estratégia de zero covid. **Youtube**, 5 mai. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mjJ0uGHB8M>. Acesso em: 07 set. 2023.

IDOETA, Paula Adamo. China: de país pobre a superpotência | 21 notícias que marcaram o século 21. BBC News Brasil. **Youtube**, 25 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3esZkmffbOI>. Acesso em: 07 set. 2023.

INTERNET Enemies Report 2012. **Reporters Without Borders for Freedom of Information**, 12 mar. 2012. Disponível em: [https://rsf.org/sites/default/files/rapport-internet2012\\_ang.pdf](https://rsf.org/sites/default/files/rapport-internet2012_ang.pdf). Acesso em: 22 jun. 2023.

JABBOUR, Elias. **Currículo do sistema currículo Lattes**. 22 set. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2048876117893026>. Acesso em: 22 set. 2023.

JABBOUR, Elias. TV Grabois. A China é Socialista?. **Youtube**, 24 mai. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y7-ubwuEQtw>. Acesso em: 05 set. 2023.

JABBOUR, Elias. TV Grabois. A História da China e o Conflito na Praça da Paz Celestial. **Youtube**, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w-dNyIUDVs4>. Acesso em: 05 set. 2023.

JABBOUR, Elias. TV Grabois. Campos de concentração na China: Mito ou verdade. **Youtube**, 28 jun. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_4DuA-V510A](https://www.youtube.com/watch?v=_4DuA-V510A). Acesso em: 05 set. 2023.

JABBOUR, Elias. TV Grabois. Qual o legado de Mao Tsé-Tung?. **Youtube**, 9 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7wXAGim7JpE>. Acesso em: 05 set. 2023.

JABBOUR, Elias. TV Grabois. Relatório da ONU sobre Xinjiang: Existe um “genocídio” na China?. **Youtube**, 26 set. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nEtoIkikW5Q>. Acesso em: 05 set. 2023.

JACOBS, Andrew. China Still Presses Crusade Against Falun Gong. **The New York Times**, 27 abr. 2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/04/28/world/asia/28china.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

J.M. The Chinese dream: The role of Thomas Friedman. **The Economist**, Beijing, 15 ago. 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20171028145059/https://www.economist.com/blogs/analects/2013/05/chinese-dream-0>. Acesso em: 25 jun. 2023.

KHATCHADOURIAN, Raffi. Surviving the Crackdown in Xinjiang. **The New Yorker**, 5 abr. 2021. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2021/04/12/surviving-the-crackdown-in-xinjiang>. Acesso em: 22 jun. 2023.

KRISHNAN, Ananth. Jiang Zemin obituary | President who shepherded China’s economic reforms, growth. **The Hindu**, 30 nov. 2022. Disponível em: <https://www.thehindu.com/news/international/jiang-zemin-obituary-a-president-who-shepherded-chinas-economic-reforms-growth/article66204888.ece>. Acesso em: 15 jun. 2023.

KUO, Lily; LYONS, Kate. China's most popular app brings Xi Jinping to your pocket. **The Guardian**, Beijing, 15 fev. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2019/feb/15/chinas-most-popular-app-brings-xi-jinping-to-your-pocket>. Acesso em: 25 jun. 2023.

LAM, Willy Wo-Lap. Getting lost in ‘One Belt, One Road’. **EJ Insight**, 12 abr. 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160414014511/http://www.ejinsight.com/20160412-getting-lost-one-belt-one-road/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

LI, Cheng; CARY, Eve. The Last Year of Hu’s Leadership: Hu’s to Blame? **The Jamestown Foundation**, China Brief Volume: 11 Issue: 23. 20 dez. 2011. Disponível em: <https://jamestown.org/program/the-last-year-of-hus-leadership-hus-to-blame/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LI Wenliang: Coronavirus kills Chinese whistleblower doctor. **BBC News**, 7 fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-51403795>. Acesso em: 22 jun. 2023.

LIBEROLD. A Economia da China: a tragédia do comunismo. **Youtube**, 24 mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YoqL3TvaVAK>. Acesso em: 10 set. 2023.

LIBEROLD. A Economia da China: o crescimento do livre mercado. **Youtube**, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oKFv2zSHFqw>. Acesso em: 10 set. 2023.

MAI, Jun. Chinese holiday island to unlock Facebook, Twitter and YouTube for foreign visitors. **South China Morning Post**, 22 jun. 2018. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/china/policies-politics/article/2152102/chinese-holiday-island-unlock-facebook-twitter-and>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MEGGINSON, Leon C. Lessons from Europe for American Business. **The Southwestern Social Science Quarterly**, vol. 44, no. 1, Wiley, 1963, pag. 3–13. JSTOR, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/42866937>. Acesso em: 5 out. 2023.

MORAES, Dênis de. A Ética Comunicacional na Internet, **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, jul. 2000. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-etica-internet.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MUSLIM minority in China's Xinjiang face 'political indoctrination': Human Rights Watch. **Reuters**, Beijing, 9 set. 2018. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-china-xinjiang-rights-idUSKCN1LQ01F>. Acesso em: 22 jun. 2023.

NAGUMO, Estevon; TELES Lucio França. Checagem da veracidade do conteúdo de vídeos do Youtube que universitários utilizam para estudar. **SciELO Preprints**, 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3609>. Acesso em: 30 jun. 2023.

NEDOPIL, Christoph. Countries of the Belt and Road Initiative (BRI). **Green Finance & Development Center**, FISF Fudan University, Shanghai, abr. 2023. Disponível em: <https://greenfdc.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

NO cult of personality around Xi, says top China party academic. **Reuters**, Beijing, 6 nov. 2017. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-china-politics-xi-idUSKBN1D61DD>. Acesso em: 25 jun. 2023.

NOIRET, S. História Pública Digital | Digital Public History. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, mai. 2015. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>. Acesso em: 30 jun. 2023.

OGASSAWARA, Juliana Sayuri; BORGES, Viviane Trindade. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 39, nº 80, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/FKyMw5pFhRdL5jbRCYB6fnD/?lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2023.

OMS. Organização Mundial de Saúde. China: WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard with Vaccination Data. Disponível em: <https://www.who.int/countries/chn>. Acesso em: 22 jun. 2023.

PERUNICIC, Kristina. The Complete List of Blocked Websites in China & How to Access Them. **vpnMentor**, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.vpnmentor.com/blog/the-complete-list-of-blocked-websites-in-china-how-to-access-them/>. Acesso em: 20 jun. 2023.



QIANG, Xiao. How China's Internet Police Control Speech on the Internet. **Radio Free Asia**, 24 nov. 2008. Disponível em: [https://www.rfa.org/english/commentaries/china\\_internet-11242008134108.html](https://www.rfa.org/english/commentaries/china_internet-11242008134108.html). Acesso em: 20 jun. 2023.

REDAÇÃO. Homem é condenado a cinco anos de prisão por fornecer e usar VPN na China. **Olhardigital**, 22 dez. 2017. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2017/12/22/noticias/homem-e-condenado-a-cinco-anos-de-prisao-por-fornecer-e-usar-vpn-na-china/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

RISEN, Tom. Tiananmen Censorship Reflects Crackdown Under Xi Jinping. **U.S. News & World Report**, 03 jun. 2014. Disponível em: <https://www.usnews.com/news/articles/2014/06/03/tiananmen-censorship-reflects-crackdown-under-xi-jinping>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ROURA, Ana Maria; SMINK, Verónica. BBC News Brasil. Até que ponto a China ainda é realmente comunista?. **Youtube**, 2 out. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OLh-gZngg54>. Acesso em: 07 set. 2023.

RUAN, Lotus. et al. One App, Two Systems How WeChat uses one censorship policy in China and another internationally. **Citizen Lab**, 30 nov. 2016. Disponível em: <https://citizenlab.ca/2016/11/wechat-china-censorship-one-app-two-systems/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SCHUMAN, Michael. Can a Million Chinese People Die and Nobody Know?. **The Atlantic**, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2023/02/china-million-covid-deaths-communist-party/673177/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SCISSORS, Derek. Deng Undone: The Costs of Halting Market Reform in China. **Foreign Affairs**, 01 mai. 2009. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2009-05-01/deng-undone-0>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SHENG, Shu. **A História da China Popular no Século XX**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2012.

STONE, Jon. The BBC is worryingly close to becoming an arm of the Government, says its own former chair. **The Independent**, 6 jul. 2015. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/uk/politics/the-bbc-is-worryingly-close-to-becoming-an-arm-of-the-government-says-its-own-former-chair-10368284.html>. Acesso em: 07 set. 2023.

SUDWORTH, John. Wang Quanzhang: The lawyer who simply vanished. **BBC News**, 22 mai. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/blogs-china-blog-39974953>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SUETTINGER, Robert L. The Rise and Descent of "Peaceful Rise". **Hoover Institution**. China Leadership Monitor, No.12, 30 out. 2004. Disponível em: [https://www.hoover.org/sites/default/files/uploads/documents/clm12\\_rs.pdf](https://www.hoover.org/sites/default/files/uploads/documents/clm12_rs.pdf). Acesso em: 15 jun. 2023.

TURGUNIEV, Peter (Ricardo Albuquerque Pinto). China mantém CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO para muçulmanos UYGHURS. **Youtube**, 8 dez. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ba0zxe9nhoc>. Acesso em: 10 set. 2023.

TURGUNIEV, Peter (Ricardo Albuquerque Pinto). O massacre da praça da paz celestial não existiu para a china. **Youtube**, 5 dez. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ERFnZ\\_Jcehc](https://www.youtube.com/watch?v=ERFnZ_Jcehc). Acesso em: 10 set. 2023.

TV Grabois. **Youtube**, Sobre. Disponível em: <https://www.youtube.com/@TVGrabois/about>. Acesso em: 05 set. 2023.

VISÃO Libertária. **Youtube**, Sobre. Disponível em: [https://www.youtube.com/@Visao\\_Libertaria/about](https://www.youtube.com/@Visao_Libertaria/about). Acesso em: 10 set. 2023.

VPNMENTOR. **vpnMentor**, 2023. Página inicial, Ferramentas. Disponível em: <https://pt.vpnmentor.com/tools/teste-o-grande-firewall-da-china/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

WANG, Jun. **Beijing Record: A Physical and Political History of Planning Modern Beijing**. World Scientific Publishing Co Pte Ltd. p. 446. 2011. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=zDhquEq5kTYC&pg=PA446&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=zDhquEq5kTYC&pg=PA446&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false) . Acesso em: 5 jun. 2023.

WANG, Sally. Remembering the dark days of China's Cultural Revolution. **South China Morning Post**, 18 ago. 2012. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/china/article/1017272/remembering-dark-days-chinas-cultural-revolution>. Acesso em: 15 jun. 2023.

WEN jiabao re-elected China PM. **Al Jazeera**, 16 mar. 2008. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2008/3/16/wen-jiabao-re-elected-china-pm>. Acesso em: 15 jun. 2023.

WESTCOTT, Ben; JIANG, Steven. China is embracing a new brand of foreign policy. Here's what wolf warrior diplomacy means. **CNN**, Hong Kong, 29 mai. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/05/28/asia/china-wolf-warrior-diplomacy-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 25 jun. 2023.

WIKI Libertária. Visão Libertária. 8 jul. 2022, Pagina Exclusiva ao Canal. Disponível em: [https://wikilibertaria.fandom.com/pt-br/wiki/Vis%C3%A3o\\_Libert%C3%A1ria](https://wikilibertaria.fandom.com/pt-br/wiki/Vis%C3%A3o_Libert%C3%A1ria). Acesso em: 10 set. 2023.

XI awarded 3rd term as China's president, extending rule. **Associated Press News**, Beijing, 10 mar. 2023. Disponível em: <https://apnews.com/article/xi-jinping-china-president-vote-5e6230d8c881dc17b11a781e832accd1>. Acesso em: 25 jun. 2023.

XU, Beina; ALBERT, Eleanor. Media Censorship in China. **Council of Foreign Relations**, 17 fev. 2017. Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounder/media-censorship-china>. Acesso em: 20 jun. 2023.

YU, Sun. Lessons on Xi Jinping's political philosophy alarm Chinese parents. **The Irish Times**, Beijing, 29 ago. 2021. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/news/world/asia-pacific/lessons-on-xi-jinping-s-political-philosophy-alarm-chinese-parents-1.4659194>. Acesso em: 25 jun. 2023.

ZITTRAIN Jonathan; EDELMAN, Benjamin. Empirical Analysis of Internet Filtering in China. **Berkman Center for Internet & Society, Harvard Law School**. Research Publication No. 2003-02. 30 out. 2004. Disponível em: <https://wilkins.law.harvard.edu/podcasts/AudioBerkman/old/203/2003-02.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.